

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

As Quatro Estações de Charlie Gordon, de *Flores para Algernon*

Isac Araujo dos Santos

São Paulo
2023

ISAC ARAUJO DOS SANTOS

As Quatro Estações de Charlie Gordon, de *Flores para Algernon*

Trabalho de conclusão de curso para obtenção de título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Editoração, apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientação: Prof. Dr. Plinio Martins Filho

Co-orientação: Prof. Dr. Jorge Mattos Brito de Almeida

São Paulo

2023

RESUMO

O presente trabalho consiste em um ensaio crítico sobre o livro *Flores para Algernon*, (romance publicado em 1966 por Daniel Keyes), focado nas transformações da personalidade e do comportamento do protagonista, Charlie Gordon. A análise divide a sua história em quatro partes, quatro fases associadas às estações climáticas: Primavera, Verão, Outono e Inverno. Com o intuito de provar essa analogia analítica, a obra será analisada sob o ponto de vista de quatro aspectos principais: literário, epistemológico, psicológico e social.

Palavra-chave: Daniel Keyes; Flores para Algernon; personalidade; literatura; psicologia.

ABSTRACT

The present work is a critical essay on the book *Flowers for Algernon* (a novel published in 1966 by Daniel Keyes), focusing on the transformations of the personality and behavior of the protagonist, Charlie Gordon. The analysis divides his story into four parts, four phases associated with the seasons: Spring, Summer, Autumn, and Winter. With the aim of proving this analytical analogy, the work will be analyzed from four main perspectives: literary, epistemological, psychological, and social.

Keyword: Daniel Keyes; Flowers for Algernon; personality; literature; psychology.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Santos, Isac Araujo dos
As Quatro Estações de Charlie Gordon, de Flores para
Algernon / Isac Araujo dos Santos; orientador, Plínio
Martins Filho; coorientador, Jorge Mattos Brito de
Almeida. - São Paulo, 2023.
70 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Jornalismo e Editoração / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Flores para Algernon. 2. Ensaio Crítico. 3. Ficção
Científica. 4. Daniel Keyes. 5. Crítica Literária. I.
Martins Filho, Plínio. II. Título.

CDD 21.ed. - 800

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
ABSTRACT.....	3
1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1. Contexto do livro e do autor.....	7
1.2. A Divisão da História Análoga às Estações Climáticas.....	8
1.2.1. Primavera.....	8
1.2.2. Verão.....	8
1.2.3. Outono.....	9
1.2.4. Inverno.....	9
1.3. Quatro Aspectos Norteadores da Análise.....	10
1.3.1. Aspecto Literário.....	10
1.3.2. Aspecto Epistemológico.....	10
1.3.3. Aspecto Psicológico.....	10
1.3.4. Aspecto Social.....	11
2. CONTEXTO GERAL.....	12
2.1. Sinopse.....	12
2.2. O Gênero Literário.....	13
2.3. A Estrutura, o Tempo e o Incidente Incitante.....	13
2.4. Lista de Personagens.....	15
2.4.1. Charlie Gordon.....	15
2.4.2. Doutores Strauss, Nemur e professor Burt.....	16
2.4.3. Alice Kinnian.....	16
2.4.4. Algernon.....	16
2.4.5. Matt.....	16
2.4.6. Rose.....	16
2.4.7. Norma.....	17
2.4.8. Herman.....	17
2.4.9. Senhor Donner.....	17
2.4.10. Gimpy.....	18
2.4.11. Joe Carp e Frank Reilly.....	18
2.4.12. Fay.....	18
2.5. O Título.....	18
2.6. A Edição Brasileira.....	19
2.7. O Projeto Gráfico.....	20
3. PRIMAVERA:	
A FASE DO FLORESCIMENTO E DA ESPERANÇA DE CHARLIE.....	22
3.1. Ingênuo.....	22
3.2. Carente.....	23

3.3. Esperançoso.....	25
3.4. Impaciente e Ansioso.....	27
3.5. Amoroso.....	28
3.6. Síntese da Primavera.....	30
4. VERÃO:	
O SENTIMENTO CALOROSO DIANTE DAS FORTES TEMPESTADES.....	31
4.1. Sedento por conhecimento.....	31
4.2. Envergonhado.....	33
4.3. Raivoso.....	35
4.4. Confuso.....	37
4.5. Inconformado.....	39
4.6. Síntese do Verão.....	40
5. OUTONO:	
AS QUEDAS DE SUAS PERSPECTIVAS E CRENÇAS.....	41
1.1. Apaixonado.....	41
1.2. Carente.....	45
1.3. Ressentido.....	50
1.4. Focado.....	53
1.5. Síntese do Outono.....	56
6. INVERNO:	
A FRIEZA E A TRISTEZA DE CHARLIE GORDON.....	57
6.1. Medroso.....	57
6.2. Irritado.....	62
6.3. Introspectivo.....	62
6.4. Triste.....	63
6.5. Pessimista.....	64
6.6. Ingênuo e Esperançoso.....	65
6.7. Síntese do Inverno.....	66
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
8.1. Livros.....	71
8.2. Sites.....	71

1. INTRODUÇÃO

1.1. Contexto do livro e do autor

O livro *Flores para Algernon*, escrito por Daniel Keyes, é considerado um clássico da literatura norte-americana. O autor originalmente escreveu a história como um conto, publicado pela primeira vez na edição de abril de 1959 de *The Magazine of Fantasy & Science Fiction*, o qual foi premiado com o Prêmio Hugo, o principal prêmio literário de Ficção Científica. Sete anos depois, em 1966, Daniel expandiu o conto em forma de romance, e a obra alcançou um grande sucesso, vendendo milhões de cópias. Além disso, o livro também foi agraciado com o Prêmio Nebula. Em 1968, foi realizada uma adaptação cinematográfica intitulada *Os Dois Mundos de Charly*, que rendeu ao ator Cliff Robertson o Oscar de Melhor Ator.

Daniel Keyes nasceu no Brooklyn, em Nova York, em 9 de agosto de 1927, com 17 anos de idade serviu a Marinha e depois se formou em Psicologia no Brooklyn College. Obteve um mestrado em literatura inglesa e americana estudando à noite, enquanto ensinava inglês em escolas públicas da cidade de Nova York durante o dia e escrevia aos fins de semana¹. Já com a ideia em mente enquanto escrevia quadrinhos para Stan Lee, Daniel passou anos com anotações para escrever o seu livro, reunindo de artigos acadêmicos até a *Poética* de Aristóteles. Foi nessa época que o incentivo finalmente apareceu: “Keyes lecionava inglês para uma turma especial de jovens com baixo Q.I. quando um estudante lhe procurou perguntando se, caso se esforçasse o bastante, poderia se tornar inteligente”².

Daniel foi editor, no início dos anos 1950, na revista pulp *Marvel Science Fiction*. Nessa época, chegou a trabalhar com Stan Lee, criador do Homem Aranha. Keyes atuou como escritor também, escrevendo quadrinhos de terror e ficção científica, e continuou a ensinar escrita criativa na Wayne State University. Em 1966 tornou-se professor de inglês e escrita criativa na Ohio University, em Athens, Ohio, onde foi homenageado como professor emérito em 2000. Keyes recebeu a honra de Autor Emérito da Science Fiction and Fantasy Writers of America em 2000. Outros livros de Keyes incluem *The Fifth Sally*, *The Minds of Billy Milligan*, *The Touch*, *Unveiling Claudia* e a autobiografia *Algernon, Charlie and I: A Writer's Journey*³.

¹ Goodreads. Daniel Keyes. Disponível online. Acesso em 18 de março de 2023.

² Daniel Keyes, *Flores para Algernon*, São Paulo, Aleph, 2018, p. 5.

³ *Idem*, *Ibidem*.

Em 15 de junho de 2014, aos 86 anos, após complicações devido a uma pneumonia, Daniel Keyes faleceu⁴.

1.2. A Divisão da História Análoga às Estações Climáticas

A história de *Flores para Algernon* será dividida em quatro partes, cada uma representando uma estação do ano e simbolizando diferentes estágios da personalidade de Charlie. Essas estações simbolizam a sua jornada emocional e intelectual, representando as mudanças em sua vida e personalidade ao longo do tempo. Toda a divisão é baseada na edição brasileira do livro, publicado em 2018 pela editora Aleph, com tradução de Luisa Geisler.

1.2.1. Primavera

A fase inicial do livro pode ser associada à primavera, pois essa estação é a época do florescimento, da esperança, do despertar da hibernação, e Charlie começa a sua história com esperança de ser escolhido para um experimento científico. O teste desperta nele a esperança adormecida de ser inteligente, de ser aceito, de ser amado, de ser tratado dignamente. Todas essas expectativas estão nesse período em que Charlie acredita que, ao ter os frutos da inteligência, ele será uma pessoa melhor. Logo após a cirurgia, Charlie Gordon começa a aprender e se desenvolver intelectualmente. São momentos que podemos associar ao florescimento do conhecimento. Essa fase inicia na página 09 e termina na página 39, na edição brasileira de 2018 da editora Aleph, referentes ao dia 3 de março ao dia 31 de março, constituindo o primeiro ato do livro, finalizando quando o protagonista aprende a escrever melhor.

1.2.2. Verão

A segunda parte do livro é o verão, pois essa estação é a época do calor, da natureza em sua plenitude e exuberância, de novas experiências e da colheita, e podemos associar isso a Charlie e sua personalidade calorosa e simpática, além de uma forte característica nessa fase seja ele estar sedento por calor humano, por afeto, por proximidade e intimidade com as pessoas, numa busca por ser amado e ter amigos, o que lhe deixa ansioso para aprender logo após a cirurgia. Seu desenvolvimento é rápido e exuberante e o protagonista mergulha em novas experiências acadêmicas, completamente animado e motivado por obter conhecimento

⁴ UOL, “Morre Daniel Keyes. Autor do Livro que Inspirou os Dois Mundos de Charly”, postado em 18 de junho de 2014. Disponível online.

pleno acerca de tudo. No entanto, sua evolução faz emergir traumas adormecidos do passado, de modo que Charlie precisa colher frutos amargos que nasceram após a cirurgia. Essa fase inicia na página 39 e termina na página 94, referentes aos dias 31 de março ao dia 11 de maio, finalizando quando o protagonista descobre que Gimpy, alguém que ele confiava muito, roubava do senhor Donner, dono da padaria. Esse acontecimento tem um grande impacto sobre o que Charlie achava a respeito das pessoas.

1.2.3. Outono

A terceira parte do livro é o outono, pois essa estação é a época da transformação, da queda das folhas, da preparação para o inverno, e podemos associá-la a Charlie Gordon devido ao fato de que, após se frustrar com Gimpy, ele se questiona sobre as bondades das pessoas. Ao lembrar e perceber a forma maldosa e preconceituosa com que Charlie era tratado por aqueles que julgava serem seus amigos, ele começa a se isolar. Suas boas expectativas e esperanças acerca de ter amigos, de ser amado, de ser respeitado e até mesmo suas perspectivas de vida, da realidade e de sua paixão não correspondida por Alice caem uma após a outra, assim como a queda das folhas de uma árvore nessa estação.

Esse processo de queda das folhas de uma árvore se dá devido à diminuição da luz solar, além da árvore começar a armazenar seus nutrientes no tronco, impedindo que eles cheguem às folhas, o que as tornam vermelhas, alaranjadas e fracas, suscetíveis a queda. Esse processo pode ser análogo ao vivido por Charlie, pois, após perder sua esperança e seu calor emocional, semelhante à diminuição da luz solar, ele se isola de todos após ter que lidar com seus traumas de infância, muitos alimentados e gerados por sua mãe Rose. Ele é sedento por carinho, afeto e calor humano ainda, mas não consegue ter isso com ninguém. Essa é a maior fase do livro, iniciando da página 94 e finalizando na página 235, referentes ao dia 15 de maio e ao dia 26 de agosto, quando Charlie descobre sobre seu futuro e a regressão inevitável de seu nível intelectual, o que pode ser considerado o clímax da história. Juntamente com a fase Verão, compõe o segundo ato do livro.

1.2.4. Inverno

Por fim, o Inverno, pois essa estação é a época do frio, do isolamento, da introspecção e da perda. Charlie relata, dia após dia, seu regresso, e se afasta de todos ao perceber que está cada vez mais irritadiço. Trata-se das páginas 235 até a página 284, referentes ao dia 1 de setembro até o dia 21 de novembro. Sua atitude é fria, ele se torna frio e se isola de todos. Alice é quem novamente permanece próxima, ao ponto de eles se relacionarem amorosa e

sexualmente. No entanto, ela é expulsa de sua casa, pois sua presença suscita esperança, algo que Charlie evita ter pois sabe do futuro inevitável que o aguarda. Dessa forma, Charlie fica afastado de todos, volta para padaria e, ao perceber seu declínio, nítido na forma como escreve e concatena suas ideias, escolhe voluntariamente se instalar na Residência Warren. E assim o livro acaba.

1.3. Quatro Aspectos Norteadores da Análise

Para sustentar essa divisão análoga às estações climáticas, a análise será baseada sobre quatro aspectos: literário, epistemológico, psicológico e social, explicados a seguir:

1.3.1. Aspecto Literário

O aspecto literário tem como foco a construção dos personagens, as suas relações interpessoais, a estrutura do enredo, os pontos de virada, o estilo da escrita, o ponto de vista do narrador e o seu vocabulário ao longo da obra. Tal questão possui importância pois a história está ligada ao desenvolvimento do estilo de escrita, que transcende e explicita a evolução do personagem ao longo da obra, além das características narrativas fundamentarem os outros aspectos estudados.

1.3.2. Aspecto Epistemológico

O segundo aspecto trata-se do epistemológico. Epistemologia significa “estudo do conhecimento”. E a busca pelo conhecimento, por obter inteligência, é uma forte característica de Charlie Gordon. Ele deposita esperanças e aspectos em se tornar inteligente, fato esse que desencadeia questões a respeito da definição, da visão, do impacto e da abordagem que o conceito de inteligência e de ser inteligente são apresentados ao longo da obra. O tema é importante pois refere-se à intelectualidade, sua influência na individualidade e na coletividade diante da sociedade e sobre o debate de sua definição.

1.3.3. Aspecto Psicológico

O aspecto psicológico tem a sua importância, pois, tendo em vista os dois anteriores, essa questão se tornará mais evidente, já que as cenas e a interpretação de inteligência do protagonista irão guiar os seus pensamentos, sentimentos e emoções. Nesse tópico, serão analisadas como as situações influenciarão as ações e reações de Charlie, em como seus traumas recém emergidos de sua infância impactarão nas suas relações, perspectivas e anseios. Esse recorte analítico torna-se essencial, haja vista que Daniel Keyes era psicólogo

formado. As consequências da sua relação com seus pais e a influência disso na sua relação com os demais personagens na obra, somada às suas sucessivas quebras de perspectivas de realidade são características psicológicas importantes na composição do personagem e da história.

1.3.4. Aspecto Social

A obra também será observada sob o ponto de vista do aspecto social. A forma crua e explícita que demonstra o tratamento recebido por deficientes intelectuais é de grande impacto aos leitores, pois Charlie sofre muito, o que impacta a quem lê o romance. Dessa forma, a importância desse aspecto reside em debates e discussões acerca da sociedade e sua relação com essa minoria social, sua discriminação e seu tratamento com ela.

Diante disso, esses aspectos irão guiar o ensaio crítico nos quatro capítulos categorizados: Primavera, Verão, Outono e Inverno, respectivamente.

2. CONTEXTO GERAL

2.1. Sinopse

Charlie Gordon tem 32 anos e é deficiente intelectual, com Quociente de Inteligência (QI) de 68. Ele mora sozinho, trabalha na padaria do senhor Donner, e três vezes por semana, de noite, estuda no Instituto Beekman para Adultos Retardados⁵, na classe da professora Alice Kinnian. Por sua grande vontade de aprender a ler e escrever, Charlie é escolhido para ser submetido a uma cirurgia revolucionária que possibilitará um grande avanço na sua aprendizagem; no entanto, tal transformação irá acarretar problemas psicológicos e sociais, levando o personagem a grandes debates internos.

Segundo a editora Aleph, responsável pela publicação da obra no Brasil desde 2018, o livro possui um “personagem complexo e intrigante”:

Com excesso de erros no início do romance, os relatos de Charlie revelam sua condição limitada, consequência de uma grave deficiência intelectual, que ao menos o mantém protegido dentro de um “mundo” particular – indiferente às gozações dos colegas de trabalho e intocado por tragédias familiares. Porém, ao participar de uma cirurgia revolucionária que aumenta o seu QI, ele não apenas se torna mais inteligente que os próprios médicos que o operaram, como também vira testemunha de uma nova realidade: ácida, crua e problemática. Se o conhecimento é uma benção, Daniel Keyes constrói um personagem complexo e intrigante, que questiona essa sorte e reflete sobre suas relações sociais e a própria existência. E tudo isso ao lado de Algernon, seu rato de estimação e a primeira cobaia bem-sucedida no processo cirúrgico⁶.

O livro é narrado em primeira pessoa por Charlie Gordon. A fim de ter material palpável como objeto de comprovação de sua evolução, Charlie é instruído a escrever Relatórios de Progresso. Dessa forma, antes mesmo de realizar a cirurgia, Charlie escreve seus anseios, medos e expectativas, de forma errônea no aspecto ortográfico e gramatical. Conforme Charlie adquire conhecimento, ele adquire vocabulário e melhora a concatenação de suas ideias, criando, dessa forma, uma sensação palpável de seu aprendizado ao leitor. E

⁵ O termo “Retardado” foi o utilizado na versão original de 1966, no entanto, a tradução de Luisa Geisler e a Editora Aleph mantiveram o termo, provavelmente para intensificar a forma ofensiva aos quais os deficientes intelectuais eram e, infelizmente, ainda podem ser tratados. Dito isso, assim como o livro, esta monografia também irá utilizar deste termo mediante o uso dele na obra. Embora, para tratar-se de sua deficiência, o termo não será utilizado, mas aplicando “deficiência intelectual” ao invés disso.

⁶ Editora Aleph, “Descrição de *Flores para Algernon*”. 2018. Disponível online. Acesso em 18 de março de 2023.

assim o narrador escreve sobre tudo que lhe passa, seus sonhos-lembranças, traumas, sua paixão, suas relações interpessoais e pessoais, conflitos externos e internos, seu cotidiano, sua rotina e seus planos. O livro é então construído a partir desses relatórios, gerando proximidade com o leitor.

2.2. O Gênero Literário

Pode-se afirmar que o livro é do gênero de ficção científica por causa da premissa, isto é, da cirurgia revolucionária; no entanto, percebe-se que os artifícios fictícios científicos são quase inexistentes ao longo do enredo, que foca no desenvolvimento da vida do protagonista e em seu autoconhecimento, seus traumas, etc. Logo, ao contrário de enredos do gênero que possuem viagens no espaço-tempo, raios lasers, viagens intergalácticas e outros artifícios convencionais, *Flores para Algernon* é uma ficção científica pelo seu Incidente Incitante (algo que será mais abordado adiante), sua premissa, com enfoque na trajetória do seu protagonista, Charlie Gordon.

Ademais, o livro também apresenta características do gênero Romance de Formação. O Romance de Formação foi popularizado pela obra do escritor e filósofo alemão Johann Wolfgang von Goethe, em 1774, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, sobre um jovem e suas emoções e reflexões em uma trajetória de autoconhecimento. *Flores para Algernon* pode se caracterizar como um Romance de Formação por tratar dessa evolução de um personagem, sua jornada de crescimento, amadurecimento, desenvolvimento emocional e intelectual, conforme ele passa por experiências e transformações. Logo, tratando-se de sua evolução, a narrativa possui características desse gênero literário também.

2.3. A Estrutura, o Tempo e o Incidente Incitante

A estrutura do livro não possui capítulos, mas relatórios de progresso, sendo 17 no total; mas há divisões por datas, que se iniciam no dia 3 de março e se encerram no dia 21 de novembro, em um total de 103 dias. O livro não fornece um ano exato, e uma interpretação para isso é que o autor provavelmente gostaria de que sua história fosse lida de forma dissociada ao tempo. Por se tratar de uma ficção científica com um procedimento cirúrgico revolucionário, datar a história poderia ser um problema, pois estaria limitando-a e criando barreiras diante da verossimilhança. No entanto, ao deixá-la sem ano específico, quem a leu na década de 2000 em diante, terá a mesma sensação de quem a leu na década de 1960 em diante, tornando-a perpétua.

Segundo o escritor e teórico Robert McKee, em seu livro *Story: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro*⁷, o Incidente Incitante “desarranja radicalmente o equilíbrio de forças na vida do protagonista”⁸. Esse desarranjo significa um acontecimento que força uma mudança na vida do protagonista. McKee também dirá: “Na maioria dos casos, o Incidente Incitante é um evento único que ocorre diretamente com o protagonista ou é causado por ele. Consequentemente, ele, de imediato, está ciente de que a vida está fora de equilíbrio para pior ou para melhor. Quando amantes se encontram pela primeira vez, esse evento muda a vida, no momento, para o lado positivo”⁹. O Incidente Incitante sempre ocorre no início do livro, incitando uma reação do personagem diante de um desafio, um conflito, algo que fará com que a aventura aconteça.

O Incidente Incitante em *Flores para Algernon* é a possibilidade iminente de Charlie ser usado no experimento que seria capaz de deixá-lo mais inteligente. Quando isso se cumpre, Charlie está diante de um desafio: a possibilidade de ficar inteligente. Como o termo diz, é um incidente, não um acidente. Caso fosse um acidente, poderia ser o que Aristóteles, em sua *Poética*¹⁰, chama de *deus ex machina*, fenômeno em que algo acontece sem causalidade, como se um ser divino fizesse as coisas para o bem-maior da trama e a favor do protagonista. E o “incitante”, no caso, refere-se a algo que incita conflito, desafio, decisão.

Na obra, esse incidente é totalmente intrínseco a uma ficção científica, e, se a história fosse datada nos anos 1960, os leitores das décadas subsequentes poderiam não aceitá-lo, já que soaria muito inverossímil diante do conhecimento científico da época. No entanto, ao deixar isso em aberto, a verossimilhança que Aristóteles ensinava em sua *Poética*¹¹ permanece perene, assim como seus temas, isto é, a discriminação da sociedade com deficientes intelectuais, definições e impactos da inteligência e traumas psicológicos provenientes da infância.

Como McKee afirma:

Portanto, o Incidente Incitante primeiro deixa a vida do protagonista fora de equilíbrio, e então incita nele o desejo de restaurar esse equilíbrio. Dessa necessidade - muitas vezes rapidamente, às vezes com deliberação - o protagonista tira um Objeto de Desejo: algo físico, ou situacional, ou relativo à atitude que ele

⁷ Robert McKee, *Story: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro*. Arte & Letra, Curitiba, 2006.

⁸ *Idem*, p. 183.

⁹ *Idem*, p. 184.

¹⁰ Aristóteles, *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. Globo, Porto Alegre-RS, 1966.

¹¹ *Idem, ibidem*.

sente que falta ou precisa para colocar o navio da vida em uma quilha equilibrada. Finalmente, o Incidente Incitante induz o protagonista a uma busca ativa por esse objeto ou meta. E para muitas histórias e gêneros, isso é suficiente: um evento altera a condição do protagonista, despertando um desejo consciente por algo que ele sente que vai acertar as coisas, e então ele vai atrás disso.

Mas para aqueles protagonistas que nós mais tendemos a admirar, o Incidente Incitante desperta não apenas um desejo consciente, mas também um desejo inconsciente. Esses personagens complexos sofrem uma intensa batalha interna porque esses dois desejos estão em conflito direto um com o outro. Não importa o que o personagem conscientemente acha que quer, o público sente ou se dá conta de que no fundo ele inconscientemente quer o exato oposto¹².

E podemos observar isso ao longo da fase da Primavera. Charlie tem o desejo consciente de ser inteligente, mas seu desejo inconsciente é ser amado, respeitado, reconhecido, se sentir parte de um grupo. Ele quer muito mais do que apenas saber escrever e ler, ele enxerga nisso uma possibilidade de ser amado, de ter amigos, algo que é palpável ao leitor no começo do livro.

Por essa razão, a possibilidade de ser submetido ao experimento de aumento de capacidade cognitiva o atrai tanto. Ele é colocado como um grande candidato a participar desse experimento, como a primeira pessoa a sofrer esse procedimento, mas não pelo fenômeno do *deus ex machina*, mas porque, nas suas aulas com a professora Alice Kinnian, Charlie sempre demonstrou grande vontade de aprender, com extrema motivação e dedicação, algo que o diferenciava dos outros, algo que os doutores mesmo afirmam. E esse desejo consciente o faz reagir positivamente, encarando o desafio apesar dos riscos, o que faz a história se desenvolver.

2.4. Lista de Personagens

2.4.1. Charlie Gordon

Charlie Gordon é o protagonista, tem 32 anos e é deficiente intelectual. Esta monografia irá acompanhar as suas transformações ao longo da trama, narrada por ele, entre os dias 3 de março e 21 de novembro.

¹² Robert McKee, *Story: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro*. Curitiba, Arte & Letra, 2006, p. 186.

2.4.2. Doutores Strauss, Nemur e professor Burt

Os doutores Strauss e Nemur, e o professor Burt são aqueles que irão acompanhar Charlie, tratando-o como um paciente do experimento. Strauss e Nemur farão a cirurgia e Burt será o psicólogo que o acompanhará.

2.4.3. Alice Kinnian

Alice Kinnian é a professora de Charlie no Instituto Beekman para Adultos Retardados. Percebendo a vontade acima da média de Charlie em querer aprender a ler e a escrever, Alice o indica para o experimento dos doutores. Com uma personalidade amável e atenciosa, Alice atrai o carinho e a admiração de Charlie, que se apaixona por ela pouco tempo após a cirurgia.

2.4.4. Algernon

Algernon é o rato de laboratório que foi submetido ao mesmo tipo de cirurgia que Charlie. Como ele apresentou bons resultados por um bom período de tempo, os doutores replicaram o experimento em Charlie, o primeiro ser humano a passar por isso. Algernon serve como paralelo a Gordon, que logo após vê-lo como um rival a ser superado, começa a nutrir por ele compaixão e empatia, personificando o animal, criando um laço com ele.

2.4.5. Matt

Matt é o pai de Gordon, marido de Rose, barbeiro. Eles têm Charlie como primogênito, mas ao perceberem que Charlie não se adapta às escolas do bairro e que seu nível de aprendizagem é inferior aos das outras crianças, eles tentam procedimentos médicos para deixá-lo mais inteligente. Essa tentativa só é interrompida quando, após alguns anos, Rose fica grávida de Norma. Matt aparece sempre protegendo Charlie de sua mãe, embora não de maneira muito incisiva. É ele que leva Charlie para a casa de Herman quando Rose o expulsa de casa.

2.4.6. Rose

Rose é, juntamente com Alice, a personagem feminina mais importante da história por suas influências psicológicas em Charlie Gordon. Ela tenta de todas as formas fazer seu filho aprender no mesmo ritmo que as outras crianças, negando a sua deficiência. Mesmo contra Matt, que protege Charlie ao perceber seu desnível cognitivo, Rose não aceita o fato de que tem um filho deficiente. O status para ela sempre foi muito importante, e ela não aceitava que

seu filho tivesse “problemas”. Por isso, sempre foi muito rígida com ele, com gritos e agressões físicas, traumatizando diante de uma cobrança muito exigente.

Quando sua filha mais nova nasce, Rose abandona as tentativas de deixar Charlie mais inteligente, de maneira que o começa a tratá-lo com mais rigidez. Protegendo sua filha, ela possui medo de que seu filho mais velho, agora entrando na fase da adolescência, machuque-a ou até mesmo a enxergue de maneira imoral e perversa. Com isso, Rose expulsa Charlie de casa, ameaçando matá-lo, de tal modo que Matt o leva para casa de Herman.

2.4.7. Norma

Norma é a irmã mais nova de Charlie Gordon. Quando ela nasceu, sua mãe passou a dar mais atenção a ela do que a Charlie, pois ela não demonstrava traços de deficiência cognitiva. Ela era muito amada por Charlie, que brincava muito com ela, no entanto, ela se sentia sufocada por ele e também era zombada por causa de seu irmão. Quando ela foi proibida de ter um animal de estimação, culpou seu irmão. Quando Charlie é visto por Rose como uma ameaça a Norma, sua mãe o expulsa de casa. Apenas anos depois, quando Charlie é aceito para ser submetido à cirurgia, Norma é notificada da existência de seu irmão, e ela permite o procedimento nele.

2.4.8. Herman

Herman é o tio de Charlie e é pouco descrito na obra. Herman é zelador da padaria do senhor Donner e também pintor. É Herman que, quando Charlie é expulso de casa, passa a cuidar dele. Ele vai aparecer defendendo Charlie de algumas agressões e também é ele que pede ao senhor Donner para cuidar de Charlie, não deixando o jovem de cerca de 17 anos na Residência Pública Warren. Herman falece e assim Charlie passa aos cuidados do senhor Donner, dono da padaria.

2.4.9. Senhor Donner

O senhor Donner é o dono da padaria em que o tio de Charlie, Herman, trabalha. Quando Herman morre, Charlie é levado à Residência Pública Warren, mas Donner o traz de volta e passa a assumir a alimentação e a estadia de Charlie, além de manter seu emprego na padaria como entregador e ajudante geral. Ele demite Charlie quando o protagonista incomoda seus funcionários após sua evolução, mas, quando Charlie pede para voltar à padaria, Donner o recontrata.

2.4.10. Gimpy

Gimpy é um funcionário da padaria que manda em Charlie. Charlie o ajuda e o considera como amigo. Quando Charlie evolui intelectualmente, percebe que ele, assim como Joe Carp e Frank Reilly, estão agindo de forma estranha com ele. E assim ele percebe que Gimpy estava roubando o troco de alguns produtos da padaria. Assustado com isso, Charlie o confronta, e Gimpy para com essa atitude, mas deixa o protagonista completamente indignado com a maldade à sua volta.

2.4.11. Joe Carp e Frank Reilly

Joe Carp e Frank Reilly trabalham na padaria. O protagonista acredita que eles são seus amigos, por falarem com ele. No entanto, quando Charlie obtém mais conhecimento, ele entende que ambos não são seus amigos, mas estavam zombando dele. Quando Charlie muda seu comportamento, ambos se afastam dele, amedrontados.

2.4.12. Fay

Fay é a vizinha de Charlie em Nova York. A mulher, despojada e espontânea, assusta Charlie com seu jeito não ortodoxo, o que o encanta. Sua relação com ela passa a ser sexual e superficial, suprimindo momentaneamente a sua carência e solidão, mas que não o preenche no aspecto sentimental.

2.5. O Título

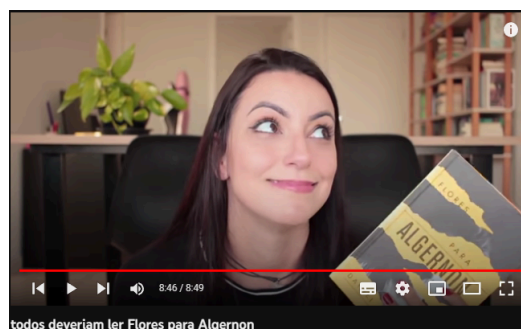
Flores para Algernon é um título metafórico. Algernon é o rato de laboratório que é submetido à cirurgia de expansão de capacidade cognitiva. Ao contrário de cobaias anteriores, ele possui o melhor resultado, a ponto de os doutores escolherem um ser humano para o mesmo procedimento. Algernon pode ser considerado um personagem-espelho, pois ele tem essa semelhança com o protagonista e, de certa forma, Charlie também é como se fosse uma cobaia, provando o desempenho do experimento para ser replicado a outros humanos. Diante disso, Charlie, em muitas vezes, compara-se a Algernon e até mesmo o humaniza e, de um sentimento de rivalidade, nasce ternura e compaixão, a ponto de o protagonista adotar o ratinho como seu animal de estimação e cuidá-lo até a sua morte. Seu carinho é tanto que Charlie, no fim do livro, deixa um recado para colocarem flores no túmulo de seu amigo Algernon, cena que justifica o título, pois é como se o Charlie Desenvolvido, que o leitor conhece, também tivesse falecido.

2.6. A Edição Brasileira

Publicada pela Editora Aleph, no ano de 2018, sendo traduzida pela prestigiada e premiada escritora e tradutora Luisa Geisler, tendo o copidesque de Tássia Carvalho e a revisão realizada por Giselle Moura, Hebe Ester Lucas e pela agência Pausa Dramática. Com projeto gráfico da Desenho Editorial, capa da Adalis Martinez e ilustração de Pedro Fracchetta¹³. O texto foi muito bem editado, trazendo uma tradução primorosa principalmente da parte mais crítica do livro, referente aos erros ortográficos e gramaticais, mas tornando palpável a evolução do protagonista mediante à agregação de vocabulários.

O livro, apesar de ser um clássico norte-americano, tornou-se famoso no Brasil apenas em 2020, após uma influencer digital de livros na plataforma de streamer Twitch, Pamela (Pam) Gonçalves, realizar, durante a pandemia de Covid-19, *lives* chamadas “sprints de leitura” em seu canal na plataforma, ter escolhido o livro para ler. Durante a sua leitura *de Flores para Algernon*, Pam Gonçalves se entusiasmava, se emocionava e naturalmente incentivava seus seguidores a comprarem e lerem o livro.

O movimento fez com que o livro se tornasse viral nas redes sociais, tendo várias booktubers (influencers digitais do Youtube) resenhado o livro. O vídeo no Youtube de Pam Gonçalves resenhando emocionada a obra obteve mais de 465 mil visualizações desde a sua publicação em junho de 2020 até outubro de 2023. Sua resenha traça paralelo com a sua vida pessoal, pois ela possui um irmão com deficiência intelectual, e o enredo da obra teve impacto emocional por trazer semelhanças com a sua vida, deixando-a triste em vários momentos em que o protagonista sofre humilhações e constrangimentos por causa de sua condição, fazendo-a lembrar das dificuldades que sofrera com seu familiar¹⁴.



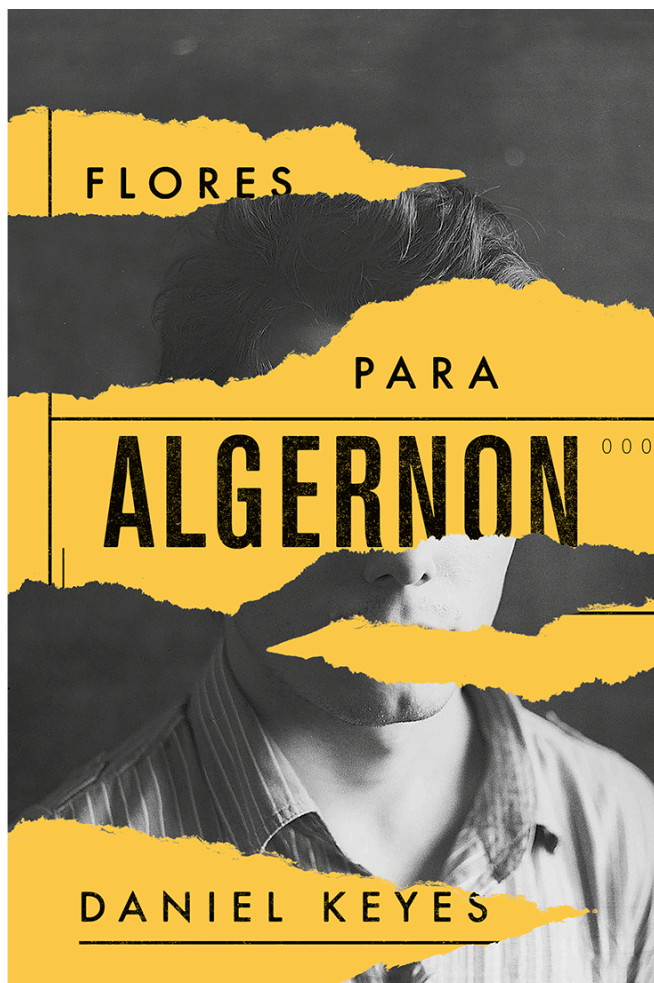
Pam Gonçalves, emocionada, no vídeo *Todos deveriam ler Flores para Algernon*, no Youtube.

Fonte: Canal da Pam Gonçalves.

¹³ Daniel Keyes, *Flores para Algernon*, p. 2.

¹⁴ Pam Gonçalves, “Todos Deveriam Ler Flores para Algernon”. Youtube. Canal @apamgoncalves. Postado dia 23 de junho de 2020. Disponível online.

2.7. O Projeto Gráfico



Capa do livro da edição da Editora Aleph, de 2018, edição utilizada nesta monografia.

Fonte: Editora Aleph

O livro possui o formato 14 x 21cm, em capa dura, no papel Couché Fosco 150 g/m², o miolo em Pólen Soft 80g/m² e papel de guarda em offset 150 g/m², sendo um formato agradável para leitura de suas 288 páginas, somado ao papel pólen, com seu tom amarelado característico, que não reflete a luz ao contrário do papel offset branco, dando uma legibilidade confortável ao leitor.

Sua capa amarela é chamativa, possuindo traços pretos, como se fossem rasgos que revelam um homem em preto e branco, vestindo uma camisa social. No entanto, seus olhos e boca são cobertos por esses rasgos em amarelo. O título é quadrado, com “Flores” no canto superior esquerdo, “para” no meio e “Algernon”, escrito bem grande e com peso maior no centro da capa. Do lado, o número “000”. Há linhas retas e pretas e no canto inferior esquerdo, o nome do autor “Daniel Keyes”, tudo escrito em caixa alta e na cor preto numa

fonte sem serifa, contrastando com a cor de fundo amarelada da capa e sendo harmonizada com o homem em preto e branco ao fundo. As linhas pretas e retas continuam na lombada, quadrada, que também enfatiza a palavra “Algernon”. Essas linhas continuam na quarta capa, onde no primeiro terço há três frases avaliadoras de prestigiosos meios de comunicação, no segundo terço, a sinopse da história e, no canto inferior esquerdo, o logotipo da editora e o código de barras, discreto, valorizando a arte.

Pode-se dizer que as escolhas artísticas para a capa seguiram o briefing de um personagem em busca de uma identidade. Charlie é o homem em preto e branco da capa, mas que está, por meio do conhecimento e, conseqüentemente, do autoconhecimento, se descobrindo, mas de forma forçada, como se rasgasse pedaço por pedaço a sua própria história, a sua própria lembrança, apenas para revelar o homem que ele é e o homem que busca ser, alguém que possa ter voz, que possa olhar as coisas sob seu próprio ponto de vista, alguém que quer se descobrir, mas também descobrir o mundo a sua volta e, para isso, acredita piamente que a inteligência lhe dará esse poder. O “000” ao lado de “Algernon” pode-se referir a ele ser a cobaia de número “000”, a primeira que deu certo. A cor amarela talvez remeta à luz do conhecimento frente à escuridão que Charlie se encontrava.

A diagramação possui a tipografia Bembo para o texto e a Uni Sans para os títulos, possuindo no máximo 62 caracteres por linha em 32 linhas em sua mancha de texto, podendo ser considerada uma boa mancha de texto, valorizando a leitura. O livro possui algumas linhas órfãs e algumas forcas, no entanto, a diagramação é boa e bem simples, não possuindo muitas hierarquias e utilizando-se de linha de base para a diagramação do texto. Não há ilustrações, imagens ou sumário na obra. Na página de guarda, que são roxas, há duas ilustrações na cor branca, sendo a primeira um rato, e a segunda, flores, dando um contraste bonito com a capa amarela e preta.

3. PRIMAVERA:

A FASE DO FLORESCIMENTO E DA ESPERANÇA DE CHARLIE

Os acontecimentos do livro que se encontram nas páginas 09 até a página 39, referentes aos dias 3 de março ao dia 30 de março, sempre segundo a edição de 2018 da Editora Aleph, podem se caracterizar como a estação Primavera. Nessa fase, Charlie é ingênuo, carente, esperançoso, impaciente, ansioso e amoroso. Este capítulo pretende explicitar tais traços de sua personalidade e relacioná-las de forma análoga à Primavera.

3.1. Ingênuo

Como a primeira característica que é notável na leitura, temos a ingenuidade de Charlie Gordon. Esse traço é palpável pela forma crua e espontânea do estilo literário não convencional adotado pelo autor. Daniel escreve o começo da história de forma propositalmente errônea, sob a justificativa de que quem a escreve é Charlie Gordon. O protagonista deve escrever relatórios de progresso para serem lidos e analisados pelos doutores que o estão avaliando para realizar o procedimento cirúrgico revolucionário de aumento de capacidade cognitiva.

Dessa forma, o leitor acompanha os relatos de Charlie e, ao se deparar com a linguagem errônea, sofre um impacto palpável. A escolha de Keyes mostra-se certa ao adotar uma escrita em que o narrador em primeira pessoa pode se expressar da forma como ele é caracterizado. Anatol Rosenfeld, em seu ensaio “Literatura e Personagem”, presente no livro *A Personagem de Ficção*¹⁵, afirma que: “[...] Homero, em vez de descrever o traje de Agamenon, narra como o rei se veste, e em vez de descrever o seu cetro, narra-lhe a história desde o momento que Vulcano o fez. Assim, o leitor participa dos eventos em vez de se perder numa descrição fria que nunca lhe dará a imagem da coisa”. Rosenfeld, de certa forma, está dizendo que o escritor deve mostrar, ao invés de contar. E quando Keyes opta por escrever propositalmente errado, isso faz com que o leitor, na primeira página, perceba que a história é narrada por um deficiente intelectual que não sabe a norma culta de gramática e ortografia, o que confere um peso maior ao estilo de escrita, valorizando a obra.

E essa escrita logo transmite a ingenuidade pueril de Gordon diante de seu estilo espontâneo. Charlie escreve errado e o texto possui erros de ortografia e gramática, como por exemplo: “iscrever”, “acontese”, “muinto”, “marsso” e “deichar”. E o leitor sentirá essa evolução graças a esses relatórios de progresso, os quais, de fato, mostram o progresso de

¹⁵ Anatol Rosenfeld, “Literatura e Personagem”, *A Personagem de Ficção*, São Paulo, Perspectiva, 2014, p. 28.

Charlie não apenas no aspecto acadêmico, mas também no aspecto pessoal, psicológico e emocional, tornando-o um personagem muito mais complexo e tridimensional, conforme E. M. Forster diz em seu livro *Aspectos de um Romance*¹⁶, e Robert McKee, em seu livro *Story*¹⁷.

O leitor vê Charlie crescer e amadurecer, observa sua ingenuidade pueril, sua motivação genuína, sua personalidade calorosa e afetuosa. Na fase da Primavera, Charlie, por meio de seu estilo de escrita errôneo, objetivo e espontâneo, transmite um ar de pureza semelhante a de uma criança: um ser sem maldade e sem malícia, criando empatia do leitor que, rapidamente, deseja ver esse personagem esperançoso conquistar seu sonho de ser inteligente.

Exemplos disso é quando Charlie questiona sua nova enfermeira sobre a origem dos bebês ou quando não compreende o procedimento do experimento, acreditando que ficaria inteligente rapidamente, sem esforço, algo que somente após a explicação da professora Kinnian é entendido por Charlie, que confessa sua frustração diante de sua expectativa de aprendizado.

Sua ingenuidade também é aparente na visão dele acerca de seus colegas de trabalho, Joe Carp e Frank Reilly. Eles o tratam muito mal, mas Charlie não tem capacidade para enxergar isso, ele não enxerga a maldade de seus colegas. No entanto, fica nítido essa maldade. Aristóteles, novamente em sua *Poética*, dirá que uma obra, especialmente uma tragédia, deve despertar Terror e Piedade¹⁸ no leitor. Tendo em vista esse conceito, pode-se afirmar que, entendendo a ingenuidade de Charlie, o leitor sente o terror, a preocupação e a angústia ao vê-lo sendo maltratado pelos seus colegas de trabalho por causa de sua deficiência intelectual e sua pureza. E ao sofrer assim, Charlie desperta a piedade no leitor.

3.2. Carente

Outra característica que aparece ao leitor é a carência de Charlie Gordon. Como é observado por meio de sua escrita, Charlie tem uma personalidade ingênua, infantil e inocente, e ele, como o próprio doutor Strauss diz: “[...] tem uma boa natureza e interesse além de estar ansioso pra agradar”¹⁹. Esse interesse vem do fato de ele acreditar que, sendo inteligente, poderá ter amigos, pessoas que conversam com ele, como a icônica frase: “Se você é inteligente você podi ter muitos amigos pra conversar e você nunca fica solitário

¹⁶ Edward Morgan Forster, *Aspectos de um Romance*, 3ed., Porto Alegre, Globo, 2004.

¹⁷ Robert McKee, *Story: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro*.

¹⁸ Aristóteles, *Poética*.

¹⁹ Daniel Keyes, *Flores para Algernon*, p. 17.

sozinho o tempo todo”²⁰. Essa necessidade de ter alguém em quem confiar e conversar, de ter amigos, advém de uma solidão e carência provida de alguém que desde os 17 anos vive sozinho.

Quando Burt apresenta Algernon para Charlie, o psicólogo diz que a motivação do ratinho para cumprir as tarefas era o queijo, o seu alimento; podemos interpretar então que a motivação de Charlie para ser inteligente, portanto, é o amor. Nessa crença de que ser inteligente lhe dará amigos, companhia e alegrias, Charlie se motiva a aprender. Logo, o que o impulsiona é esse desejo de ser amado pelas pessoas, de ser reconhecido, de ser tratado igualmente. Charlie, portanto, é otimista, baseado nessa crença de futuro positivo após a cirurgia, além de sua inocência fundamentar a realização dessa perspectiva que ele alimenta.

Tal desejo de ter amigos, proximidade, intimidade, respeito e admiração com as pessoas, também se expande ao âmbito familiar. Morando sozinho, sem ter muitas lembranças de seus pais e irmã, Charlie espera reencontrá-los com a possibilidade de sucesso da cirurgia, tornando-se inteligente. Ele gostaria de surpreendê-los, de agradá-los, de fazê-los feliz com sua conquista.

Ao perceber que não ficará inteligente rapidamente, ele fica triste, pois seu objetivo é justamente demonstrar o mais rápido possível a todos a sua transformação, pois quer ser amado e tratado com afeto pela sua família. Ao relatar as lembranças com sua família, Charlie lembra que sua irmã apanhava, aos seus olhos, por sua culpa. Então ele deseja ficar inteligente para visitá-la, pois ele se sentia mal quando ela apanhava. Charlie possui esse desejo de vê-los, não apenas para encontrá-los, mas para recuperar o tempo perdido e assim ser amado.

Quando o protagonista lembra de sua mãe lhe ensinando a escrever, podemos perceber que uma influência psicológica é estabelecida na forma de incentivo para ele aprender, o que irá alimentar sua vontade de agradá-la, deixando-o carente e inseguro, gerando nele esse desejo de ser inteligente para, finalmente, demonstrar a ela que “cumpru sua tarefa”, da maneira como sua mãe queria e, assim, poder agradá-la.

Sua mãe também era muito religiosa e o fez orar para ele ser curado de uma doença a qual Charlie relaciona com “não ser inteligente”. Isso é uma demonstração de como ela alimentou e criou a sua crença de que ele não era inteligente, associando isso a uma doença de que deveria ser tratado e curado. É essa crença que o faz querer tanto ser inteligente e se comparar negativamente com as pessoas ao seu redor. E até mesmo alimenta seu desejo de

²⁰ *Idem*, p. 22.

ser amado, pois ele cresceu sobre a necessidade de satisfazer os desejos de sua mãe em ser inteligente, mas nunca conseguiu agradá-la, de modo que sempre crescera sob o amor condicional de sua mãe: deveria ser inteligente para poder ser amado. Consequência que floresceu em sua vida adulta.

Diante disso, podemos argumentar aqui que Charlie desenvolve o Apego Ansioso, teoria de Mary Ainsworth a respeito dos tipos de apego que as mães têm com seus bebês²¹, pois ele acreditava que precisava agradar às pessoas para não ser abandonado, mas para ser aceito, de maneira que ele se esforçava sempre para agradar as pessoas à sua volta. E isso se desenvolveu devido ao comportamento altamente exigente de sua mãe. E como ele falhava e era punido, Charlie desenvolve o medo da punição, que o trava muitas vezes, também desenvolvendo o Apego Evitativo. No livro *Ciência Psicológica: Mente, cérebro e comportamento*, de Michael S. Gazzaniga e Todd F. Heatherton, ao explicar sobre os tipos de apego definidos pela psicóloga Mary Ainsworth, os autores dirão: “A personalidade da cuidadora também contribui para o estilo de apego da criança. As cuidadoras que são inconsistentes em termos emocionais ou comportamentais tendem a ter filhos com um estilo de apego ansioso-ambivalente, ao passo que as que são rejeitadoras tendem a ter filhos com um estilo de apego evitativo”²².

Sua carência também é notável quando Charlie, ao ler *Robinson Crusoe*, traz ao leitor um paralelo intertextual riquíssimo. O romance de Daniel Defoe é sobre um homem muito inteligente que fica preso sozinho numa ilha. Daniel Keyes faz uma ótima intertextualidade aqui, pois é como se Charlie fosse semelhante a Robinson Crusoe, um personagem inteligente, mas que fica sozinho e sem amigos, assim como Charlie estava prestes a se sentir. O desejo de Charlie para Robinson ter amigos e não ficar sozinho demonstra muito o caráter dele. Charlie queria exatamente isso, um amigo, pois ele se sentia muito sozinho e não queria que as pessoas sentissem assim também.

3.3. Esperançoso

Outro grande traço da personalidade do protagonista é a sua esperança, pois ele acredita que, sendo inteligente, terá uma vida melhor, despertando empatia por ter essa esperança genuína. Ele justificará seu grande desejo na frase que se tornou célebre da obra: “Se você é inteligente você pode ter muitos amigos pra conversar e você nunca fica solitário

²¹ *O Livro da Psicologia*. Globo, Porto Alegre-RS, 2016.

²² Michael S. Gazzaniga e Todd F. Heatherton, *Ciência Psicológica: Mente, Cérebro e Comportamento*, Porto Alegre, 2007, p. 386.

sosinho o tempo todo”²³. Aqui, Charlie expressa desejo em ter muitos amigos, pois se sente solitário o tempo todo.

E essa esperança faz de Charlie Gordon um personagem caloroso, sedento por afeto e calor humano. Seu maior traço é a esperança genuína de que sua vida irá melhorar, que ele terá amigos, companhia, será respeitado e admirado, graças à cirurgia. Pode-se observar isso quando os doutores avisam Charlie que irão realizar o experimento nele. Mesmo sendo notificado dos riscos, como um possível efeito temporário do experimento, deixando-o inteligente apenas por um tempo e regredindo severamente, Charlie não se importa. Ele deixa claro que não teme nada, e que não faz nada por fama: “Só quero ser esperto como as outras pessoas para poder ter amigos que gostam de mim”²⁴.

Charlie apenas conseguia ver um futuro florido e ensolarado a sua frente e nenhum aviso ou perspectiva realista ou pessimista poderiam tirar isso dele. Charlie também se compromete a fazer todo o possível para ser inteligente, para “tentar ser esperto”. Ele sabia que aquilo era sua grande oportunidade e, ao obtê-la, ele fica feliz e promete a si mesmo fazê-la valer a pena.

Charlie não se via como inteligente e por isso ele tinha a crença de que, se fosse, um mundo novo iria se abrir para ele, feliz, caloroso e florido de grande união, algo totalmente contrário ao que ele sempre viveu.

Quando ele diz que, ao ser inteligente, teria pessoas com quem conversar, é uma clara demonstração da esperança de como a inteligência mudaria o seu mundo: “[...] Mas de qualquer forma isso é ciência e tenho que tentar ser inteligente como as outras peças. Daí quando eu ficar inteligente eles vão falar comigo e vou poder sentar e ouvir como Joe Carp e Frank e Gimpby fazem quando eles falam e tem discussões sobre coisas importantes”²⁵.

Para Charlie Gordon, inteligência era motivo de capacidade, seja para vencer Algernon nos testes que ambos eram submetidos, seja para simplesmente entender as explicações do doutor Strauss, além de poder conversar e ser amigo das pessoas, Charlie também estava fascinado com a possibilidade de poder escrever e ler.

Inteligência para Charlie era algo de um status superior. Ele observa seus doutores com muito respeito, observa a professora Alice Kinnian com muito reconhecimento, refere-se a todos eles por seus títulos. Com todas as pessoas, Charlie sente-se inferior e, ao se referir

²³ *Idem*, p. 22.

²⁴ *Idem*, p. 20.

²⁵ *Idem*, p. 22.

aos pensamentos e lembranças de “pessoas inteligente”, ele usa o termo “chique”. Ele quer ser inteligente pois também quer ser assim.

Charlie também enxergava a inteligência como uma forma de ser digno e até mesmo “descolado”, assim como Joe Carp e Frank Reilly. Após passar uma noite com eles, Charlie os coloca na categoria de “melhores amigos” e de “inteligente”.

Portanto, de acordo com o ponto de vista do aspecto epistemológico, a visão de inteligência retratada na fase de Primavera, trata-se de uma visão esperançosa, com grandes expectativas de suprir um futuro mais digno e amoroso ao Charlie.

3.4. Impaciente e Ansioso

Pouco tempo após a cirurgia, Charlie quer ser inteligente, mas fica frustrado por isso não acontecer de forma instantânea. Aqui sua ansiedade e impaciência são notáveis. E isso o deixa triste, pois seu grande desejo, novamente, era ser amado. Ele queria impressionar as pessoas a sua volta e se sentir reconhecido, parte de um grupo.

Quando ele observa os estudantes da Universidade, esse seu desejo aguça a sua impaciência e ansiedade, algo também explícito em sua raiva a Algernon, que o vence nos testes. E após tantas derrotas ao Algernon, tamanha a sua frustração, Charlie começa a faltar no laboratório. Os doutores vão então até a casa dele questioná-lo e Charlie diz que é porque ele não queria competir mais com Algernon. O professor Nemur diz que ele não precisa competir, mas deveria ir ao laboratório mesmo assim, a fim de realizar os demais testes avaliativos de progresso. Então lhe dá uma máquina parecida com uma televisão para Charlie ligar antes de ir dormir. Charlie acha estranho isso e o professor lhe diz que ele está ficando inteligente e que deve confiar mais neles. E termina dizendo um aviso: “Não podemos ter certeza si será permanente mas temos confiança que em breve você vai ser um rapaz muito inteligente²⁶”.

Todos tentam convencer Charlie a ficar mais tranquilo, mas é Alice que lhe dá mais paz. A Professora Kinnian o encontra e está muito feliz e lhe demonstra confiança e apoio:

Hoje a noite depois do trabalho a professora Kinnian foi a sala de aula próxima ao laboratório. Ela parecia feliz de mi ver mas nervosa. Ela parece mais jovem do que eu mi lembrava. Eu disse a ela que estava mi esforçando muito para ser inteligente. Ela disse eu tenho confiança em você Charlie a maneira como você se esforçou tanto pra ler e escrever melhor que todos os outros. Eu sei que você

²⁶ Daniel Keyes, Flores para Algernon, p. 31.

consegue. Na pior das hipóteses você vai ser o rei do mundo por um tempinho e você está fazendo algo pra outras peças retardadas²⁷.

E a partir daqui Charlie começa a crescer, florescer intelectualmente, regado pelo carinho de Alice, no solo fértil de seu desejo intenso de ser amado.

3.5. Amoroso

Charlie também é muito amoroso. Por sua ingenuidade em não enxergar maldade nelas, ele acredita que todos são bons, e aqueles que lhe dão atenção e falam com ele, são seus amigos. E isso é perceptível na sua relação com Alice e com seus colegas de trabalho.

A professora Alice Kinnian é a personagem feminina mais presente na história e, juntamente com a mãe de Charlie, é a mais importante para o protagonista. Na fase da Primavera, Alice aparece como uma professora que o ensina e o motiva. Ela o incentiva e o recomenda para a cirurgia, dando-lhe a sua aprovação para o experimento. E também é Kinnian que o escuta durante seus problemas e reclamações.

A professora é mencionada pela primeira vez no primeiro relatório de progresso, no dia 03 de março, mostrando claramente a sua importância para que o experimento ocorra com Charlie Gordon: “Quero que eles mi usem porque a professora Kinnian disse que tal vez eles possam mi fazer inteligente”²⁸. É fato que Charlie gostaria de ser inteligente, mas é Alice Kinnian que desperta essa esperança em Charlie para ser submetido à cirurgia. Sua influência no protagonista é notável na conjunção subordinativa explicativa, “porque”; a causa de ele querer ser “usado” no experimento é devido ao fato de que a sua professora acredita que ele é capacitado para isso. Como alguém que ele admira deposita essa confiança nele, Charlie se sente de fato capacitado a participar do experimento, somada às suas expectativas de uma vida pós-cirurgia e, conseqüentemente, com grande intelecto.

Logo após a cirurgia, Alice o visita. A forma como ela ajeita as flores e o travesseiro, como limpa e organiza as coisas, para os olhos de Charlie, são demonstrações de como ela gosta dele, independente de ele ter feito a cirurgia ou não; e para ele, esse carinho deve-se ao fato de que ele quer aprender. Gordon percebe que ela quer que ele seja bem sucedido e isso também é um motivo para ele estudar e se dedicar mais, como no trecho a seguir: “Contei pra professora Kinnian que iria mi esforçar muito pra ser inteligente o máximo que conseguia. Ela fez carinho na minha mão e disse eu sei que vai. Eu acredito em você Charlie”²⁹.

²⁷ *Idem*, p. 38.

²⁸ *Idem*, p. 9.

²⁹ *Idem*, p. 25.

Charlie enxerga todo o carinho dela como resposta a sua dedicação aos estudos. Essa linha de pensamento vem, novamente, por influência de sua mãe, que condicionou o amor dela à inteligência de Gordon, ainda criança. E, como explicado anteriormente, Charlie desenvolve assim esse apego ansioso, no qual ele sempre vive em estado de ansiedade, com medo de perder o afeto.

No dia 26 de março, Charlie tem seu primeiro sonho-lembrança da história. O protagonista sonha sobre quando conheceu a professora Kinnian, dizendo a ela que queria aprender. O fato de isso ser a primeira memória de Charlie é uma demonstração do carinho e afeto que ele tem por ela, uma prova da influência que ela tem em sua vida e em como ela sempre foi simpática e amorosa, sendo uma grande figura feminina para ele.

No fim do período da Primavera, Charlie a vê de uma maneira diferente, algo perceptível quando ele repara que ela era mais jovem do que ele se lembrava; o estigma de professora mais velha começa a se alterar, e ela ressalta a sua evolução na escrita e lhe dá apoio, ainda sob o aviso de que tudo pode ser temporário. Charlie começa a ver Alice com outros olhos, algo que será um elemento para a transição de fase, de estação, para a progressão da trama.

Sobre a sua relação com os colegas de trabalho, temos uma grande representação da sociedade, possibilitando uma análise crítica no aspecto social. A característica amorosa da personalidade de Charlie, juntamente com sua ingenuidade, o faz enxergar de forma pura o comportamento de seus colegas, Gimpy, Joe Carp e Frank Reilly, quando, ao leitor, claramente fica evidenciado a maldade, o preconceito e a discriminação pela deficiência de Gordon. Como exemplo, há a relação com Gimpy, pois o padeiro não tem paciência para lidar com ele, que comete erros atrás de erros, e acaba gritando com frequência com Charlie.

Joe Carp e Frank Reily também são exemplos negativos de como a sociedade trata essa minoria, ambos zombam várias vezes dele, dizendo que Charlie não tem cérebro, criando uma alusão de que ele não é inteligente; eles até relacionam o seu nome à “burrice”, e zombam e o maltratam muito em uma festa.

Mesmo sofrendo agressões verbais, sendo abandonado e zombado frequentemente, Charlie permanece amoroso, otimista e gosta da companhia deles. Isso, indubitavelmente, advém de sua ingenuidade e falta de compreensão acerca do mundo, vem por sua carência, pela sede de ser amado, reconhecido e visto; no entanto, são essas características que o fazem alguém prontamente disposto a amar, de forma pura e genuína àqueles à sua volta.

3.6. Síntese da Primavera

Diante de todos os pontos até aqui explicitados, podemos classificar os acontecimentos da obra que ocorrem da página 09 até a página 39 como Primavera, pois, como dito na Introdução, essa estação é a época da esperança, onde há o florescimento e até mesmo o despertar da hibernação, além de também ser uma estação de renovação e crescimento. E essas características podem ser associadas ao Charlie.

Ele é apresentado como um homem com deficiência intelectual, mas cheio de esperança e curiosidade em relação ao mundo ao seu redor. Com o Incidente Incitante de característica de Ficção Científica e de desenvolvimento assemelhando-se a de um Romance de Formação. Logo, seu início na obra pode ser comparado ao de flores que desabrocham na primavera, pois Charlie está em um estágio inicial de sua transformação. Ele é escolhido, graças à influência de Alice, para participar do experimento cirúrgico que promete aumentar sua inteligência, o que representa uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento, sendo esse o Incidente Incitante, despertando em si a motivação para ser inteligente: ser amado, de forma que se redimisse das altas exigências de sua mãe e, assim, pudesse ser aceito por ela, suprimindo seu apego ansioso.

Sua personalidade é amigável e amorosa, justamente por sua inocência e ingenuidade quase que infantil. Essa característica do protagonista o faz ser sonhador, esperançoso, e percebemos isso com seu grande desejo de ser amoroso. Sua esperança também reside no fato de acreditar que, após a cirurgia, ele será mais inteligente e, conseqüentemente, terá amigos e assim deixará de se sentir sozinho, pois é assim que Charlie enxerga a inteligência: com esperança para uma vida melhor, sendo a porta e a chave para ser amado.

Ao longo da Primavera, presenciamos a sua evolução na escrita, uma prova do seu florescimento intelectual, descoberta da grafia correta de palavras e até de novos termos. Essa fase de aprendizado pode ser associada com os brotos que começam a aparecer na primavera, representando o início de algo novo e promissor, que o fará ser um personagem mais redondo, complexo, explorado. Tudo isso também pode ser visto como Charlie arando a terra, preparando e construindo uma base para o seu crescimento e a transformação, preparando o terreno para as experiências que ele vivenciará posteriormente no Verão e nas demais estações do livro. Portanto, pela forma que Charlie encara a inteligência, sua relação com os demais personagens e sua personalidade, podemos caracterizar Charlie e essa fase como Primavera.

4. VERÃO:

O SENTIMENTO CALOROSO DIANTE DAS FORTES TEMPESTADES

Entre a página 39 e a página 94, os acontecimentos e a personalidade de Charlie podem ser caracterizados como Verão. Diante de seus traumas emergentes, os quais podem ser associados às fortes tempestades dessa estação, o protagonista, tendo compreensão acerca da forma como é e era tratado, torna-se raivoso e envergonhado; suas perspectivas acerca das pessoas mudam, sua ingenuidade se desfaz, e seu mundo se desconstrói no momento em que percebe que alguém que ele confiava muito, Gimpy, estava traindo e roubando o senhor Donner. Assim, Charlie torna-se inconformado diante da maldade humana. Essa fase corresponde à primeira parte do segundo ato do livro, em que o protagonista colherá os frutos de suas sementes da primavera e terá que enfrentar os conflitos tempestuosos que abalarão a sua personalidade calorosa.

4.1. Sedento por conhecimento

Em meio às suas características de ser carente, amoroso e esperançoso, confiando tanto que o mundo ficará melhor se ele obter inteligência, Charlie torna-se sedento por conhecimento, algo que é maximizado por sua grande capacidade cognitiva pós-cirurgia.

Logo no início dessa fase, Charlie aprende a usar a vírgula e também as demais pontuações, após ler e entender rapidamente uma gramática. Lendo vários livros por semana, Charlie obtém um vocabulário vasto e, a partir de então, podemos dizer que Charlie alcança o nível formal da norma culta da gramática.

Como Charlie escreve de maneira mais rica no aspecto linguístico, ele tem mais capacidades para revelar seus pensamentos, desejos e opiniões, tornando-se, assim, um personagem mais complexo, um personagem redondo. O autor Edward Morgan Forster, em seu livro *Aspectos de um Romance*, categoriza personagens como redondos e planos. Os primeiros são aqueles mais complexos: “Só as pessoas redondas foram feitas para atuar tragicamente por qualquer extensão de tempo, e só elas podem despertar em nós quaisquer sentimentos que não sejam o de humor e o de adequação”³⁰. E o segundo tipo: “[...] são ora chamados de tipos, ora de caricaturas. Na sua forma mais pura, são construídos ao redor de uma ideia ou qualidade simples; quando neles há mais do que um fator, apreendemos o início de uma curva na direção dos redondos”³¹.

³⁰ Edward Morgan Forster, *Aspectos de um Romance*. p. 90.

³¹ *Idem*, p. 85.

Forster dirá que “o romance mais complexo por vezes requer gente plana tanto quanto gente redonda, e o resultado de suas colisões é um paralelo com a vida mais preciso”³². Podemos afirmar que Charlie inicia sua história sendo este personagem plano, que apenas tinha o objetivo de ser inteligente. Havia esperança nele, conforme dito no capítulo anterior. Mas após sofrer com seu passado e seus olhos se abrirem ao mundo cruel que sempre o cercou, Charlie passa a se tornar um personagem redondo. Ele expande as possibilidades de exploração ao redor de seu objetivo, e aqui começamos a conhecer um Charlie com frustrações, medo, desejos e problemas. Problemas pessoais e interpessoais. E tudo é evidenciado e palpável pela sua evolução na escrita.

Além disso, algo que é palpável em seu progresso são as suas habilidades motoras. Charlie, quando desafiado a usar o misturador de massa, se sai muito bem, pois aprendeu apenas olhando. Dessa forma, surpreende a todos. Antes, Charlie não conseguia fazer tais atividades e se cobrava muito, mas a sua autoestima e coordenação motora está muito melhor agora, o que lhe faz se questionar a respeito de sua evolução. Além disso, ele lê de forma muito mais rápida e está sedento por livros.

Outra prova de sua evolução é quando, após ter um sonho-lembrança, Charlie percebe que tanto as crianças de sua vizinhança quanto os seus colegas de padaria o zombavam e o enganavam, de maneira que ele percebe que sempre se iludiu em relação a eles, acreditando que eram seus amigos. Essa é uma quebra de perspectiva que altera a sua personalidade.

Charlie então começa a se enxergar como uma pessoa diferente, como se houvesse dois Charlies. O Antigo Charlie, pré-cirurgia, e o Desenvolvido Charlie, pós-cirurgia, fenômeno denominado nesta monografia como ACDC. E isso se dará em todos os aspectos de sua vida: acadêmico, psicológico, social e amoroso. E acontece graças a essa evolução que lhe dá discernimento sobre a forma como era tratado. O Desenvolvido Charlie lembra de seu passado por meio dos sonhos, passados traumáticos que Charlie narra em terceira pessoa, dissociando-se de si mesmo, do Antigo Charlie, sendo um narrador observador, como se o Antigo Charlie fosse outra pessoa.

A psicologia chamará esse quadro de Despersonalização: uma situação em que o paciente se vê de forma externa ao seu corpo, sem poder interferir ou reagir ao que é observado. Isso pode ocorrer como consequência de abusos emocionais e físicos durante a infância; abusos físicos ou violência doméstica na vida adulta; ter testemunhado episódios traumáticos, de violência extrema ou um processo de luto³³. No caso, Charlie estava nesse

³² *Idem*, p. 88.

³³ REDE D'or. *Despersonalização*. Disponível online.

quadro clínico devido aos abusos físicos e psicológicos que sofria da mãe em sua infância, sendo um grande trauma para ele.

No dia 14 de abril, Charlie, conversando com Burt, é avisado que precisará ter consultas de terapia, pois seu avanço cognitivo seria tanto que estaria defasado com sua inteligência emocional. Isso torna-se importante, pois Burt sabia que Charlie teria os sonhos-lembranças que poderiam alterar a sua personalidade. Provavelmente ele não tinha conhecimento da gravidade dos traumas que seriam emergidos, no entanto, ele sabia que Charlie precisaria de um acompanhamento.

Quando ele se lembra de que antes não era capaz de realizar algumas tarefas e de que atualmente consegue ler e escrever bem, Charlie sente gratidão pelos doutores e pela sua evolução, que agora está mais clara aos seus olhos. Ele se sente livre, capaz e poderoso.

Charlie começa a frequentar os ambientes universitários, faz amigos e se sente parte de um grupo, escuta coisas que nunca ouvira falar antes, questiona a existência de Deus, lê muitos livros, como Dostoiévski, Flaubert, Dickens, Hemingway, Faulkner “alimentando uma fome insaciável”³⁴, sendo mais uma prova de como a fase do Verão é a fase mais sedenta por conhecimento que ele atravessa.

4.2. Envergonhado

Outra grande transformação na personalidade de Charlie é o fato de que ele começa a se sentir envergonhado diante das frustrações e humilhações que sofre e que sofreu, como por exemplo, na festa depois do trabalho, na noite do dia 9 de abril, em que ele percebe que Joe Carp e Frank Reilly o maltrataram. Charlie se lembra de quando era criança e brincava de esconde-esconde e nunca encontrava as outras crianças. Assim ele percebe que tanto aquelas crianças de sua infância quanto Joe e os outros estavam lhe enganando e rindo dele.

É perceptível aqui que a inteligência de Charlie o faz ter uma nova perspectiva da realidade e lhe dá visão para saber que está sendo zombado. Ademais, a maldade da sociedade é bem representada nessa cena, na qual toda a zombaria pode ser considerada atos de discriminação e preconceito, aproveitando-se de um deficiente vulnerável. No entanto, o contexto da trama nos mostra o protagonista em metamorfose, em um estado de mudança capaz de lhe proporcionar a compreensão do que ocorre a sua volta.

Envergonhado, ele foge correndo, sentindo-se humilhado por aqueles que julgava ser seus amigos. Suas reações física (ficar vermelho) e emocional (ficar constrangido), são

³⁴ Daniel Keyes, *Flores para Algeron*, p. 72.

causas de sua reação literal (fugir). Antes Charlie não entendia o que ocorria à sua volta. Sua ignorância, cegueira e ingenuidade lhe protegiam dos maus sentimentos e emoções, e até mesmo de reações físicas, mas agora, com cognição suficiente para entender as ações das pessoas a sua volta, Charlie tem sensações maléficas despertadas em si. Por isso ele foge, pois não quer se sentir humilhado.

No contexto social, podemos perceber aqui as humilhações que muitas vezes, infelizmente, os deficientes são submetidos por pessoas que não os respeitam, que se sentem melhores, superiores, dignas de tratá-los de maneira covarde e desrespeitosa, não temendo quaisquer punições que possam ocorrer a eles.

Outro ponto que evidencia sua vergonha é quando Charlie percebe erros ortográficos e gramaticais em seus relatórios. Ele até mesmo deseja reescrevê-los, mas desiste após Alice lhe impedir, ressaltando que o propósito dos relatórios era mostrar a sua evolução. Mas Charlie também sente vergonha em relação a sua vida pessoal. Ele não quer que os doutores ou outras pessoas leiam sobre seus problemas e medo, pois tem vergonha das opiniões e dos pensamentos alheios.

Essa vergonha, no contexto psicológico, vem do desenvolvimento de seu superego, conceito estudado por Sigmund Freud:

[...] O id (constituído pelas pulsões primitivas), obedece ao princípio do prazer, segundo o qual qualquer pulsão de desejo deve ser satisfeita de imediato: quer tudo já. Contudo, a outra parte da estrutura mental, o ego, reconhece o princípio da realidade, segundo o qual não podemos ter tudo o que desejamos e devemos ter em conta as limitações do mundo em que vivemos. O ego negocia com o id, procurando encontrar formas razoáveis de o ajudar a obter o que deseja sem que isso produza qualquer prejuízo. O ego, por sua vez, está controlado pelo superego: a voz interiorizada dos pais e dos códigos morais da sociedade. O superego é uma instância que julga, é a origem da consciência, da culpa e da vergonha³⁵.

O desenvolvimento de Charlie ao longo da história pode ser visto como uma representação da interação dinâmica entre essas partes da mente. Inicialmente, seu id está no controle, buscando a gratificação imediata de seu desejo por inteligência. Conforme sua inteligência aumenta e seu ego se desenvolve, ele começa a considerar as complexidades da realidade e as implicações de suas ações, refletindo o conflito entre o id e o ego. Por fim, seu

³⁵ *O Livro da Psicologia*, Porto Alegre, Globo, 2016, pp. 96-97.

superego começa a influenciar suas decisões à medida que ele internaliza normas morais e considera o impacto de suas ações nos outros, gerando sentimentos de culpa e vergonha.

E é assim que Charlie se sente constrangido e envergonhado. Sua nova cognição o faz desenvolver seu superego, de maneira que ele entende quando está sendo humilhado e maltratado. Ele possui uma visão de si, a qual não deseja ser insultada e desprezada. Surge em Charlie o sentimento de reputação, autovalor e autoestima.

A partir daqui, a história ganha camadas diferentes, em que o protagonista possui consciência do mundo ao seu redor devido ao seu ego desenvolvido, consequentemente, ele quer ser valorizado, respeitado e não apenas amado e ter amigos. Charlie deseja ser admirado por suas habilidades e conhecimentos, desejando ser digno. No entanto, essas lembranças traumáticas vergonhosas o deixam irritado, irado em relação às pessoas.

4.3. Raivoso

A raiva emerge como uma característica proeminente na personalidade de Charlie, manifestando-se após sua lembrança de um evento traumático envolvendo Harriet. Nessa recordação, aos onze anos, no Dia dos Namorados, Charlie decide presentear Harriet com um medalhão. Contudo, ao pedir ajuda a Hymie para escrever um bilhete carinhoso, é enganado e acaba sendo agredido. Essa experiência marca um ponto de virada na personalidade de Charlie, levando-o a se sentir estúpido por acreditar nas pessoas.

Surge um padrão de apego evitativo, pois o medo de ser enganado alimenta a relutância de Charlie em se comprometer em relacionamentos. Essa transformação o torna raivoso e hostil, refletindo seu entendimento de que a sociedade pode ser cruel, especialmente em relação a minorias como a dele. Inclusive, a perda do medalhão também simboliza como as pessoas podem se aproveitar da vulnerabilidade dos outros. E sua constatação de gratidão por não necessitar saber escrever faz com que ele perceba sua independência. A inteligência aqui demonstra liberdade, independência, possibilidade de livre expressão e comunicação.

As lembranças que advém de seus sonhos são manifestações de sua inconsciência, que antes reprimia essas lembranças traumáticas. Esse fenômeno em que a inconsciência esconde traumas é chamado de repressão:

[...] Assim, se temos algum pensamento inaceitável para a mente consciente, a mente redireciona-o e afasta-o do pensamento consciente para o conduzir até ao inconsciente, num processo a que Freud chamou “repressão”. Podemos

reprimir a recordação de um trauma infantil, um desejo que julgamos inaceitável ou ideias que, de algum modo, ameaçam o nosso bem-estar ou o nosso modo de vida³⁶.

Diante disso, a vergonha sentida em seu sonho provoca raiva pelas pessoas causadoras dessa sensação. Como consequência, ele age de forma raivosa com Burt, após fazer o teste de Rorschach. Tudo é uma forma de autodefesa para não se sentir enganado novamente.

Quanto ao aspecto literário, podemos levantar um ponto importante. Algo que pode ser considerado um erro de Daniel Keyes é a não exploração do aniversário de Charlie Gordon. No primeiro relatório, em 3 de março, Charlie afirma que tem 32 anos e que fará aniversário em abril. No entanto, o mês de abril passa, e em nenhum momento ele menciona seu aniversário. Se o protagonista era capaz de lembrar antes da cirurgia, como ele simplesmente esqueceu esse fato após ter ampliado sua capacidade intelectual? Charlie passa o mês em ascensão acadêmica, tendo sonhos-lembranças de sua infância e de traumas que obteve. Entretanto, em nenhum momento ele menciona seu aniversário, nem o fato de estar envelhecendo e nem mesmo tem lembranças de aniversário ou de coisas associadas a isso.

Como o aniversário foi mencionado anteriormente, deveria ter sido retomado no mês de abril, como diria o escritor e teórico russo Anton Tchêkhov, no conceito do “prego na parede”, em que diz que, se na história, um prego aparece na parede, ele deve ser retomado, ganhando importância na trama, tendo um propósito narrativo³⁷.

No caso, o aniversário dele poderia causar sonhos-lembranças traumáticas de festas na infância, o que poderia fortalecer essa raiva que ele sentiu ao se lembrar da forma como era tratado. Charlie poderia se lembrar de quando teve festas e ninguém da rua ou da escola apareceu, justamente por ele ser deficiente intelectual. Sua mãe poderia ter o desprezado nessas situações, causando mais problemas psicológicos para ele, e ele gostaria de agradá-la para merecer o amor dela. Charlie também poderia ter tido uma situação em que alguém lhe dava um presente genuíno e assim ele se sentisse amado. Inúmeras situações poderiam ter decorrido de uma lembrança de aniversário. Ou mesmo no momento presente da história, em abril, em que ele se questiona sobre seu aniversário, sobre o futuro e sobre ser amado.

Como isso não foi explorado, mas mencionado anteriormente, considero isso um erro. Charlie sempre quis ser amado, e o dia que as pessoas são mais amadas e elogiadas são nos aniversários, então isso torna incoerente ele não se lembrar após a cirurgia ou mesmo de

³⁶ *Idem*, p. 96.

³⁷ Anton Tchêkhov, *Cartas a Suvórin: 1886-1891*, São Paulo, Edusp, 2002.

nenhum em que foi desprezado e maltratado. O que é completamente inverossímil, partindo da premissa de que ele sempre fora maltratado.

Sob o ponto de vista psicológico, foi uma grande falha, pois certamente ele teria traumas ao se lembrar disso. E na questão da fase do Verão, Charlie, que na Primavera é caloroso, afetuoso e amável, poderia ter perdido tudo isso com as lembranças traumáticas que ele tinha, principalmente essa de seu aniversário, onde ele percebia que as pessoas de fato não eram suas amigas e que até mesmo a sua família não se importava muito com ele, tornando-o diferente para entrar na fase do Outono. Tornando-o mais raivoso, irritadiço e confuso.

4.4. Confuso

Charlie também demonstra confusão acerca do mundo à sua volta, acerca de si próprio e de seu relacionamento com Alice. E essa confusão se dá diante das transformações internas que impactam na sua visão acerca das coisas.

A começar pela sua visão de mundo. Charlie faz descobertas que mudam suas perspectivas, como a questão da origem dos bebês, do relacionamento sexual de homens e mulheres, sobre o ateísmo, todos pontos já explicitados neste capítulo. Tais acontecimentos também podem ser associados às tempestades, pois Charlie tem quebras de perspectivas com elas, o que lhe deixa surpreso, confuso e até desapontado.

Em segundo ponto, temos a confusão acerca de si mesmo. Charlie acredita que possuía amigos e que seus colegas de trabalho gostavam de si, mas, após o episódio da festa do dia 9 de abril, ele percebe que seus colegas não são bondosos com ele. Essas mudanças drásticas de realidade o deixam confuso sobre si, pois ele não entende porque as pessoas agem de forma maldosa com ele.

E por fim, de forma contundente e mais intensa, a confusão de Charlie abarca o seu relacionamento com a professora Alice Kinnian. Ela, como já mencionado anteriormente, é de grande importância para ele, sempre lhe tratando com respeito e afeto desde que lhe conheceu. E isso faz com que Charlie se apaixone por ela.

Ela lhe dava atenção e o ajudava no seu início. Quando ele ganha aumento, a convida para ir ao cinema no dia 01 de maio. Charlie chama Alice pelo primeiro nome e vai elogiá-la pela primeira vez, de maneira que demonstra uma quebra de paradigma da visão aluno-professora, além da importância que ela tem na vida dele. A forma que ele a elogia também demonstra uma evolução intelectual, de forma bem poética usando de comparações para descrever a sua admiração: “Por que nunca notei quão linda é Alice Kinnian? Ela tem olhos castanhos doces como de um pombo e cabelo castanho plumoso que se estende até o

vazio de seu pescoço. Quando sorri, seus lábios cheios parecem fazer beicinho”³⁸. Uma demonstração de sua personalidade calorosa. Mas Charlie fica confuso na forma de como tratá-la, questionando como deveria se comportar, pois essa seria sua primeira vez.

Após o filme, eles conversam e Charlie se declara a ela, que demonstra carinho, mas evita beijá-lo, deixando-o muito confuso. Ele quer puni-la, mas quer ser amado, demonstrando baixa autoestima com questionamentos sobre si. E ele promete beijá-la depois, tornando isso um objetivo.

Alice teve responsabilidade emocional em não se envolver, mas também errou depositando esperança nele ao dizer “ainda não”. Charlie diz a ela claramente que não teria feito a cirurgia se não fosse por Alice, demonstrando a importância que ela tinha em sua vida, pois ela é muito importante para ele, o que acaba gerando uma dependência emocional. Ele quer agradá-la, por causa do seu apego ansioso. Charlie tenta demonstrar a importância dela, mas quando ela não é recíproca, faz com que ele se frustre, algo que ele não sabe lidar.

Essa confusão se dá novamente após Charlie precisar de conselhos em relação ao problema que tem com Gimpy, de modo que a Alice é a única que ele confia. Alice o aconselha a confiar em si mesmo e, empolgado com isso, Charlie se declara novamente, mas Alice, apesar dos elogios e carinho que oferece ao protagonista, recua e condiciona uma possível relação ao futuro, pedindo para ele terminar seus estudos, pois está receosa com a mudança veloz que ele está sofrendo. Mas Charlie não entende e ressalta que nada irá alterar seus sentimentos por ela. Alice é persistente em esperar e recusa as investidas de Charlie e, após ele insistir muito, eles marcam um encontro num concerto no Central Park. Eles vão embora e Charlie a acompanha até a casa dela, onde ela se despede com um beijo na bochecha, fazendo Charlie concluir: “Agora, não há nenhuma dúvida. Estou apaixonado”³⁹.

Alice se afasta para não se magoar, mas dá migalhas depositando esperanças que o machucam. E assim Charlie diz que está apaixonado, enfatizando a sua personalidade calorosa, permanecendo seu desejo de ser amado, buscando conquistar o amor de Alice. Alice, por mais que seja alguém de influências benéficas em sua vida, deixa-o confuso em relação ao amor por suas atitudes acolhedoras e evitativas. Mas Charlie não quer desistir dela e deseja enfrentar seus traumas e problemas a fim de conquistá-la.

³⁸ Daniel Keyes, *Flores para Algernon*, p. 76.

³⁹ *Idem*, p. 92.

4.5. Inconformado

Por fim, Charlie torna-se inconformado diante de sua descoberta referente a Gimpy, no dia 8 de maio, ao descobrir que o funcionário da padaria roubava dinheiro dos trocos das vendas. Isso deixa Charlie profundamente irado, pois ele não consegue entender os motivos de Gimpy roubar a padaria e o senhor Donner, sendo, para o protagonista, algo incompreensível. Sua ira torna-se maior quando ele cogita a possibilidade de ter sido usado por Gimpy, de maneira que deseja agredi-lo, confessando seu ódio.

Charlie nunca imaginou que Gimpy poderia fazer algo de ruim a Donner, pois Donner, aos olhos de Charlie, era muito bondoso em relação a Gimpy e até mesmo a ele. Charlie não consegue compreender o motivo dessa maldade. Charlie ainda é ingênuo, ele não acredita que as pessoas podem fazer coisas maldosas, ele acredita que as pessoas são boas e ponto. Ele não entende que uma pessoa pode fazer o bem e também o mal. Quando ele se depara com essa situação, fica indignado, sem saber lidar com ela, pois isso quebra uma crença que ele tinha, confundindo-o mentalmente. Assim, ele chega a dizer que odeia Gimpy.

Ele também sente injustiça e se sente usado. Essa é a primeira vez que Charlie se sente como um objeto, sentindo-se constrangido e mal. Charlie tenta compreender, mas não consegue, entrando assim num dilema ético: se ele conta para Donner, prejudica Gimpy. Mas se ele não fala, prejudica Donner.

Tudo isso é o começo de um ponto de virada ao Outono, pois sua personalidade começa se alterar diante dos traumas, algo que acontecerá em maior frequência e intensidade no Outono, com suas crenças e paradigmas sendo quebradas e desconstruídas, o que altera o personagem caloroso e esperançoso das partes anteriores do livro.

Sob o ponto de vista do aspecto social, podemos dizer que os deficientes podem ser vistos como objetos e, no caso de deficientes intelectuais, se eles tivessem consciência de tal tratamento inadequado, poderiam, assim como Charlie, se sentir bravos, enganados e tristes.

Esse sentimento é colocado à prova quando o doutor Nemur lhe diz que ele é tão culpado quanto uma faca, objetificando-o. Charlie não quer ser visto assim, e o conselho não lhe ajuda, assim como o conselho de Strauss. Em dúvida, ele conta tudo a Alice, que diz que ele deve confiar em si mesmo. Dessa forma, ele encontra coragem para confrontar Gimpy, fazendo-o parar de roubar Donner, por meio de uma ameaça. E assim Charlie se questiona: “Mas quantas pessoas assim existem no mundo, que usam os outros dessa forma?”⁴⁰

⁴⁰ *Idem*, p. 94.

Charlie tem seu grande desafio ao enfrentar Gimpy, alguém que foi bom, mas que em outros momentos foi bem maldoso. E assim o ponto de virada é concluído, pois o protagonista percebe que existem pessoas más que utilizam outras como objeto e que o mundo não é tão bom assim. A padaria, onde ele acreditava ter amigos, torna-se um local em que há maldade, mesmo entre aquelas que se ajudam. O personagem é alterado aqui.

Isso faz com que Charlie comece a deixar de confiar tanto nas pessoas. Ele sempre confiava e era enganado, mas com os sonhos-lembranças e com essa situação, ele se torna mais cético e amargo diante dessa nova realidade que a ele é apresentado.

4.6. Síntese do Verão

Certamente, o Verão na vida de Charlie Gordon é realmente a fase da colheita, onde ele busca colher os frutos de sua busca insaciável por conhecimento. Sua jornada de autodescoberta e transformação, que começou timidamente na Primavera, agora está em pleno auge. O Verão é uma estação quente e intensa, refletindo a paixão e o desejo ardente de Charlie por conhecimento, algo que se torna evidente através de sua sede insaciável por livros, perguntas incessantes e seu compromisso em aprender e crescer.

No entanto, assim como a estação Verão, há fortes e inesperadas tempestades que ocorrem na vida de Charlie. Problemas que o mergulham em profunda confusão, raiva e tristeza. Como as impetuosas chuvas de Verão que avassalam o cenário, Charlie lida com problemas que mudam sua vida, sua perspectiva de realidade e sua personalidade.

Ao se lembrar de seus traumas de infância, Charlie se sente envergonhado, algo possível mediante o seu desenvolvimento cognitivo e psicológico. E ao emergir esses traumas, a raiva, como um raio durante uma tempestade de verão, cresce dentro de Charlie à medida que ele começa a compreender as injustiças do mundo. Sua busca por amor se torna um labirinto de emoções, semelhante às nuvens que ocasionalmente obscurecem o sol brilhante de verão, deixando o personagem confuso para enxergar o futuro à sua frente.

Por fim, a tempestade mais forte chega, algo que abala e desconstrói todo seu terreno, outrora arado na Primavera. Sua descoberta de Gimpy roubando o senhor Donner, faz com que Charlie fique inconformado com a sociedade em si. A semente da ingenuidade, outrora fortemente plantada em sua personalidade, se dissipa, levada pela forte correnteza da chuva torrencial das tragédias pessoais e sociais que ele enfrenta, marcando o fim do Verão e o início do Outono em sua jornada de autodescoberta. É uma transformação complexa e desafiadora, semelhante à transição da estação quente e intensa do verão para a próxima fase de sua vida.

5. OUTONO:

AS QUEDAS DE SUAS PERSPECTIVAS E CRENÇAS

No Outono, fase que ocorrerá da página 94 até a página 233, Charlie ainda apresentará algumas das características do Verão. Ele permanecerá carente, querendo ser amado, além de expressar sua raiva mais frequentemente. No entanto, Charlie demonstra mais a sua paixão por Alice Kinnian, e sua raiva demonstra ser fruto de ressentimentos por se sentir desprezado e objetificado pelos doutores.

No intuito de obter resultados positivos, ele é focado em seus estudos. Se antes ele estudava por sede de conhecimento, acreditando que poderia ser alguém mais amado, agora ele luta contra o tempo para conseguir evitar uma regressão intelectual. Todos esses acontecimentos, que mudam sua perspectiva, podem ser associados com as quedas das folhas das árvores no outono, pois assim ele começa a sua transição para um inverno frio e seco.

1.1. Apaixonado

Uma característica marcante de Charlie Gordon é sua intensa paixão por Alice, que o leva a agir de maneira obsessiva, constantemente buscando maneiras de estar próximo dela e de vê-la. Contudo, seus traumas se manifestam como um conflito profundo, tanto pessoal quanto amoroso, personificado no fenômeno ACDC, através do conceito de despersonalização.

Um exemplo inicial disso ocorre durante um encontro no parque, no qual Charlie tem uma alucinação. Após discutir a questão com Strauss, ele percebe que quando está próximo de uma mulher ou pensa em sexo, experimenta ansiedade, pânico e até mesmo alucinações. Isso o leva à conclusão de que não está pronto para um relacionamento, resultante da influência traumática de sua mãe e da forma como ela o tratou, criando bloqueios emocionais com mulheres pelas quais ele nutre sentimentos, incluindo Alice.

Outro momento que evidencia sua paixão ocorre logo após ser demitido da padaria, quando ele confessa a Alice: “Você é a única com quem consigo falar”⁴¹. Sua paixão e dependência emocional em relação a Alice proporcionam a ele uma sensação de segurança para desabafar, como se ela fosse um porto seguro durante as tempestades de sua vida. No entanto, esse vínculo é novamente desafiado quando tentam se relacionar.

As lembranças dos traumas de Charlie ressurgem quando ele recorda os abusos físicos de sua mãe, em especial quando foi espancado por ter uma ereção ao ver uma amiga de

⁴¹ Daniel Keyes, *Flores para Algernon*, p. 105.

Norma. As palavras ameaçadoras de sua mãe, que o advertiu sobre encostar em uma garota, continuam a assombrá-lo. Este trauma emerge quando Charlie e Alice tentam se aproximar fisicamente, resultando em zumbidos, arrepios e náuseas.

A paixão de Charlie o leva a procurar Alice em sua antiga escola, dia 6 de junho, surpreendendo-a. Ela o acusa de ter mudado, não apenas no que diz respeito ao seu QI, mas na sua atitude em relação às outras pessoas. Esta acusação reflete a transformação de Charlie ao longo da obra, algo que ele próprio reconhece ao afirmar que sua percepção sobre si mesmo também foi alterada.

Neste ponto, torna-se evidente que Charlie não é mais a mesma pessoa que era no início do livro. Ao se comparar a um “cachorrinho dócil, abanando a cauda e lambendo os pés que me chutam”⁴², ele ilustra sua transformação, motivada pela percepção da maldade nas pessoas, o que alterou sua visão do mundo.

Alice, por sua vez, expressa sentir-se “senil e obtusa”⁴³, uma vez que se vê em desvantagem intelectual diante de um Charlie agora altamente desenvolvido. Essa disparidade a faz questionar a si mesma, levando-a a dizer: “Eu queria que você fosse inteligente. Eu queria ajudar você e compartilhar com você, e agora você me fechou do lado de fora de sua vida”⁴⁴.

É possível afirmar que Alice se sentiu traída por Charlie. Ao estender-lhe a mão para ajudá-lo a ascender, ele não apenas avançou, mas continuou a subir, deixando-a para trás devido à sua rápida evolução. Esse motivo, do ponto de vista literário, é coerente, especialmente considerando que Charlie já havia mencionado anteriormente que as conversas superficiais não o motivavam mais. Para ele, Alice era seu porto emocional, a única pessoa em quem confiava. No entanto, ele a sobrecarregava, o que a fazia sentir-se mal, incapaz de compreendê-lo totalmente. Assim, Charlie finalmente percebe como ela se sentia em relação a isso, levando-o a refletir sobre a dinâmica do relacionamento:

Percebo agora que meu sentimento por Alice nadava contra a corrente do meu aprendizado, de idolatria a amor, a afeto, a um sentimento de gratidão e responsabilidade. Meus sentimentos confusos por ela estavam me prendendo, e eu havia me apegado a ela por medo de ser forçado a me virar sozinho e lançado à deriva.

⁴² *Idem, ibidem.*

⁴³ *Idem*, p. 118.

⁴⁴ *Idem*, p. 119.

No entanto, com a liberdade, veio a tristeza. Eu queria estar apaixonado por ela. Eu queria superar meus medos emocionais e sexuais, casar com ela, ter filhos, me aquietar.

Agora isso é impossível. Estou tão distante de Alice com um Q.I. de 185 quanto estava quando tinha um Q.I. de 70. E, dessa vez, nós dois sabemos⁴⁵.

No contexto psicológico, Charlie compreende a sua dependência emocional por Alice ao afirmar: “Meus sentimentos confusos por ela estavam me prendendo, e eu havia me apegado a ela por medo de ser forçado a me virar sozinho e lançado à deriva”⁴⁶. Sua carência o conduzia a essa dependência. Embora Charlie desejasse uma vida ao lado dela, ele reconhecia que não conseguia devido aos seus medos emocionais, questões sexuais, traumas e dificuldades de comunicação.

Na analogia das estações climáticas, no outono, mais uma folha de crença e esperança de Charlie se esvai para o solo duro e infértil da realidade em que vivia. Essas transformações no cenário alteravam sua própria natureza, mas sua paixão por Alice persistia. Ele continuava a lembrar dela e desejava conversar e desabafar, seja ao pensar nela indo para Nova York ou ao ajustar os objetivos de seus estudos.

Em 25 de junho, ele vai à casa dela, desabafa, tentam se relacionar e falham novamente, devido ao seu trauma. Como mencionado anteriormente, Rose o maltratava e o punia, chegando a expulsá-lo de casa. Mesmo após a cirurgia, Charlie ainda carregava traumas psicológicos que o impediam de se envolver afetuosamente com uma mulher, deixando-o profundamente culpado. Nesse ponto, Keyes adiciona uma camada essencial ao personagem de Rose, influenciando o protagonista de maneira a torná-lo mais complexo, mais completo, seguindo o conceito de personagens de E. M. Forster.

Gordon acreditava que o “Antigo Charlie” não existia mais, que o homem que era antes, o deficiente intelectual, não estava mais vivo. A deficiência poderia ter sido corrigida, e de fato, ele adquiriu a capacidade de obter e reter conhecimento em diversas áreas. No entanto, tudo que o “Antigo Charlie” sofreu ainda o afetava por meio de seus sonhos-lembranças, seus comportamentos dirigidos por sua inconsciência, conforme explicado pelo conceito de Freud. Assim, Charlie afirma: “O que quero dizer é que Charlie Gordon existe no passado, e o passado é real. Você não pode construir um novo edifício em uma área até destruir o que existia antes, e o antigo Charlie não pode ser destruído”⁴⁷.

⁴⁵ *Idem*, pp. 120-121.

⁴⁶ *Idem*, p. 120.

⁴⁷ *Idem*, p. 187.

Frustrado, Charlie se retira e tem relações sexuais com Fay pela primeira vez, como uma forma de confirmação e autoconfronto.

Pela primeira vez, no confronto ACDC, o “Desenvolvido Charlie” vence, encarando seus traumas. No entanto, Charlie não tinha afeto ou paixão por Fay; seu envolvimento com ela era puramente sexual, não causando impedimentos. Quando se tratava de Alice, Charlie experimentava sentimentos amorosos, e ao sentir atração sexual por ela, surgia um sentimento de culpa que desencadeava pânico e náusea, consequências físicas de um trauma psicológico.

O dia 25 de junho se torna crucial, pois Charlie relata uma compreensão profunda da origem de seus problemas e traumas. Este dia também marca o retorno de Alice, evidenciando seu fracasso em estabelecer um relacionamento com ela, contrastando com sua capacidade de se envolver com Fay. Esse encontro representa um confronto com a personificação de seus problemas psicológicos, o Antigo Charlie. Neste momento, o Charlie apaixonado se encontra confuso, enfrentando dificuldades em semear um relacionamento satisfatório com sua maior paixão durante seu Outono, fracassando em todas as tentativas.

Em 16 de julho, Alice visita Charlie em casa e conhece Fay. A interação entre elas é positiva, mas Alice questiona se Charlie gosta de Fay. Ele responde que só ama Alice e espera superar seus traumas para se envolver plenamente com ela. Mas, novamente, ele se faz sexo com Fay. Embora haja uma breve configuração de um triângulo amoroso, ela é superficial. Charlie não nutre sentimentos amorosos por Fay, e sua escolha é clara. Ele se envolve sexualmente com sua vizinha por carência, como será abordado no próximo tópico. Alice demonstra ciúmes, mas Charlie explicita sua preferência. Fay nunca foi sua paixão, mas ele volta para casa e se relaciona com ela, buscando apenas satisfação momentânea.

Fay não é um obstáculo ao relacionamento de Alice e Charlie; no entanto, eles continuam incapazes de se conectar. Charlie enfrenta barreiras devido a seus traumas, enquanto Alice lida com inseguranças em relação a se envolver com um ex-aluno, alguém intelectualmente inferior, e a possibilidade de regressão cognitiva de Charlie. Apesar disso, ela não consegue se afastar dele, tornando-se uma personagem crucial em todos os aspectos da trama, incluindo literário, epistemológico, psicológico e social.

Alice demonstra interesse por Charlie em várias ocasiões, mostrando preocupação e questionando implicitamente sobre a possibilidade de terem uma relação sexual no futuro. Mas ela também revela medo e evitação, sugerindo uma forma de apego evitativo, conforme estudado por Mary Ainsworth, o que afeta tanto Charlie quanto ela emocionalmente.

Apesar de muitas perspectivas derrubadas ao longo do Outono, o fim desse período se encerra com uma certa esperança por parte de Charlie: “Não sei. Espero que sim”⁴⁸. Ele expressa não apenas sua esperança em superar seus traumas para se relacionar sexualmente com Alice, mas também seu desejo de ter uma vida com ela, mantendo viva a chama do romance, apesar das dificuldades e da presença de Fay. Charlie permanece apaixonado, sonhador e romântico, mesmo ciente dos desafios à frente.

1.2. Carente

Uma característica adicional que se destaca em Charlie é a carência, e é interessante observar como ela se manifesta de maneira diferente nesta fase do livro em comparação com a Primavera. Naquela parte da história, Charlie buscava contato de maneira ingênua. Agora, sua carência persiste, mas com novas perspectivas de realidade. Ele ainda anseia por amor e amizade, mas a ingenuidade pueril que o caracterizava anteriormente não está mais presente, graças à sua maior cognição, que o permitiu enxergar as crueldades do mundo.

Charlie enfrentará a demissão da padaria, realizará caminhadas solitárias, agirá impulsivamente e buscará preencher o vazio emocional que o assola. No entanto, todas essas situações e atitudes se mostrarão ineficazes; cada uma delas evidenciará, afetará ou intensificará o sentimento de carência em Charlie Gordon. O impacto inicial dessa série de eventos começa com a perda do emprego na padaria, um lugar que ele considerava como seu lar e refúgio ao longo dos anos.

Em 20 de maio, Charlie é demitido, um acontecimento que o deixa profundamente entristecido. Donner, o proprietário, comunica a Charlie que sua mudança notável no comportamento incomodou a todos, sendo esse o motivo pelo qual ele deveria deixar o emprego, conforme solicitado pelos demais funcionários. Donner havia oferecido abrigo e emprego a Charlie após a morte de seu amigo e colega, Herman. No entanto, aos olhos de Donner, a presença de Gordon não era mais necessária. Charlie tenta discutir a situação com seus colegas, mas enfrenta resistência, já que todos se opõem à sua permanência.

E dessa forma, Charlie chega à conclusão: “Estava tudo bem enquanto eles podiam rir de mim e parecer inteligentes à minha custa, mas agora eles se sentiam inferiores ao imbecil. Comecei a perceber que, por meio do meu surpreendente crescimento, eu os fiz encolher e destaquei suas inadequações. Eu os havia traído, e eles me odiavam por isso”⁴⁹.

⁴⁸ *Idem*, p. 218.

⁴⁹ *Idem*, *ibidem*.

Sob o ponto de vista epistemológico, percebemos que sua perspectiva sobre a inteligência mudou. Antes, era vista como uma esperança e uma porta para ser amado e respeitado. No entanto, a inteligência agora se transformara em “uma cisão entre mim e todas as pessoas que conhecia e amava, me arrancando da padaria”⁵⁰. Charlie experimenta uma solidão profunda e se compara ao seu personagem-espelho, Algernon.

O sentimento de abandono que Charlie experimenta, conforme expressado por Alice em 25 de maio, é simbolicamente uma repetição do abandono que ele sentiu por parte de seus pais. Como discutido anteriormente, os estudos de Mary Ainsworth destacam a influência dos relacionamentos parentais na formação dos relacionamentos futuros das crianças. Na infância, Charlie desenvolveu um apego ansioso, caracterizado pelo medo intenso de ser abandonado. Agora, ao ser demitido após quase metade de sua vida na padaria, esse trauma ressurge, deixando Gordon se sentindo sozinho, perdido e carente.

Enfrentando a solidão e dependendo emocionalmente de Alice, Charlie, como mencionado no Verão, lida com uma aversão à solidão em seu quarto. Sua intensa necessidade de afeto humano o leva a conhecer uma mulher no Central Park em 8 de junho, buscando preencher seu vazio emocional. No entanto, a revelação de que ela está grávida evoca traumas relacionados à sua mãe e o assusta profundamente. Ao tocar a mulher, ela se sente ameaçada, resultando em um breve momento de fuga e perseguição. Seu desejo de ser capturado e punido reflete sua complexa relação com a moralidade.

No dia 16 de junho, Charlie muda-se para Nova York após fugir do Congresso em Chicago, assumindo a responsabilidade pelo cuidado de Algernon. Nesse novo capítulo de sua vida, ele reflete sobre sua solidão, uma consequência de suas tentativas não bem-sucedidas de preencher sua carência, concluindo que deve buscar “[...] compreender quem e o que realmente sou. Se algo der errado, pelo menos terei isso”⁵¹.

Essa reflexão é crucial, ocorrendo logo após Charlie perceber que os estudos dos doutores estavam equivocados e que ele poderia enfrentar uma regressão cognitiva severa. Diante desse temor, ele busca ativamente redescobrir seu passado e compreender quem era, visando preservar essas memórias. Essa atitude é mais uma manifestação das consequências de sua personalidade carente. A necessidade de segurança emocional e a busca por uma âncora em seu passado refletem a profunda insegurança que permeia sua jornada.

Charlie demonstra sua carência ao caminhar sozinho, um comportamento que se repete diversas vezes, como no dia 24 de junho, quando percorre a Times Square e decide

⁵⁰ *Idem*, p. 104.

⁵¹ *Idem*, p. 218.

entrar em um restaurante. Nesse local, ele observa um potencial deficiente intelectual sendo ridicularizado pelos clientes, um incidente que será abordado mais detalhadamente em outro tópico. Nesse dia, Charlie relata: “[...] não eram os filmes o que eu queria, mas as audiências. Eu queria estar com as pessoas ao meu redor, na escuridão”⁵². Essa busca por companhia evidencia a profunda carência emocional que continua a moldar suas ações e decisões.

No dia 20 de junho, Charlie decide visitar seu pai, Matt, que trabalhava como barbeiro. Charlie nutre grandes expectativas em relação a esse encontro, acreditando que Matt ficaria feliz em vê-lo, que finalmente poderia agradá-lo, pois agora estava inteligente, baseando-se na aceitação incondicional que sempre recebeu do pai, mesmo antes do nascimento de Norma.

Keyes constrói essa expectativa não apenas em Charlie, mas também no leitor. Albert Zuckerman, no livro *Como Escrever um Romance de Sucesso*⁵³, sugere que uma história deve possuir Questões Dramáticas. A principal questão que impulsiona o conflito central em *Flores para Algernon* é: “Charlie conseguirá ser amado após ficar inteligente?” Esta é a força motriz que permeia toda a trama, pois o protagonista busca amor e aceitação. No entanto, Zuckerman argumenta que uma história pode ter várias questões dramáticas ao longo da obra. No caso, as questões aqui são: “Como será o reencontro com seu pai?” “Seu pai o reconhecerá?” e “Seu pai o amará e ficará feliz com o Desenvolvido Charlie?” Com essas perguntas em mente, os leitores avançam com uma perspectiva otimista, torcendo pelo protagonista, cuja empatia foi cultivada durante as fases da Primavera e do Verão.

Charlie chega à barbearia, mas não é reconhecido. O leitor continua otimista, esperando o tão aguardado Reconhecimento e a Peripécia, conceitos Aristotélicos da *Poética*⁵⁴. O Reconhecimento trata-se de uma revelação na trama, enquanto a Peripécia é um ponto de virada que muda drasticamente a direção da história. O efeito na trama é maximizado quando o Reconhecimento ocorre simultaneamente à Peripécia, proporcionando uma descoberta emocionalmente impactante para o personagem, alterando sua realidade e perspectivas de maneira surpreendente. Na cena, os leitores esperam inconscientemente por um desfecho positivo, onde o pai de Charlie o reconheça em um momento de felicidade e surpresa, uma virada emocional esperada pelo próprio protagonista.

Durante o encontro, Charlie é assombrado por lembranças de sua mãe proferindo palavras cruéis, como: “Mandar para longe. Mandar para a Residência Pública Warren”⁵⁵,

⁵² *Idem*, p. 183.

⁵³ Albert Zuckerman, *Como Escrever um Romance de Sucesso*, São Paulo, 1996.

⁵⁴ Aristóteles, *A Poética*.

⁵⁵ Daniel Keyes, *Flores para Algernon*, p. 172.

“Eu não quero ele aqui nem mais um dia. Agora, hoje à noite”⁵⁶ e “Ele é mais útil morto. Nunca vai conseguir viver uma vida normal. Ele ficará melhor assim”⁵⁷. Essas frases são ditas enquanto ela segura uma faca, ameaçando-o de morte. Essa atitude extrema revela um desejo de rejeição e abandono total, uma repulsa profunda em relação ao próprio filho.

Essa imagem traumatizante de sua mãe o assombra, deixando-o com a sensação de fracasso e a crença de que não é digno de ser amado, especialmente por sua própria mãe, que expressa o desejo de sua morte. Isso cria uma ferida emocional profunda em Charlie, moldando sua necessidade constante de aprovação e aceitação.

Essa situação evidencia mais uma vez a dicotomia entre o ACDC. O Charlie pré-cirurgia foi rejeitado pela mãe, enquanto o Desenvolvido Charlie está sempre em busca de aprovação. Keyes retrata seu personagem carente de forma clara, expressando seu desejo por aceitação para sentir-se digno. Charlie anseia pelo reconhecimento de seus pais, buscando validar que ele era amado e que sua identidade não se resumia apenas a ser uma cobaia. Ele não quer que Alice seja a única a oferecer carinho; ele deseja o amor de seus pais, e toda a sua esperança e expectativa estão ancoradas na habilidade cognitiva adquirida pela cirurgia.

Ao confrontar seu pai, Charlie insiste, mas Matt não o reconhece, mostrando impaciência e falta de lembrança de seu próprio filho. Mais uma vez, uma folha de expectativa cai, revelando-se fútil e ilusória diante da realidade que Charlie enfrenta. O Reconhecimento e a Peripécia, que o leitor esperava positivamente, torna-se negativa. Ele não é reconhecido, e suas esperanças se desvanecem, abalando profundamente o mundo do protagonista. Agora, ele percebe como era absurdo buscar aprovação de um pai que mal se lembrava dele. Chateado, Charlie tenta convencer a si mesmo de que sua ilusão de ser amado era absurda. Assim, ele parte mais uma vez confrontando a dura realidade que o cerca.

O envolvimento de Charlie com Fay Lillman, sua vizinha, é mais uma manifestação de sua carência emocional. Fay é retratada como uma personagem única, despojada e irreverente, que contrasta com as condutas ortodoxas. Seus diálogos demonstram espontaneidade e desprezo por convenções sociais, deixando uma impressão duradoura em Charlie, que se sente encantado por sua ousadia e liberdade.

No entanto, quando a relação entre Charlie e Fay se torna mais íntima, os traumas do passado de Charlie emergem. Ele reflete sobre a persistência do Antigo Charlie, manifestando medos relacionados a ameaças feitas por sua mãe de retirar seus órgãos genitais. A metáfora dos “amendins” destaca a complexidade de suas questões emocionais e sexuais.

⁵⁶ *Idem, ibidem.*

⁵⁷ *Idem, ibidem.*

O ato sexual entre Charlie e Fay, especialmente no dia 25 de junho, parece ser um meio de autoconfronto para superar seus traumas, não sendo uma expressão genuína de paixão e romance. Esse relacionamento serve como um campo de testes para Charlie, onde ele busca provar a si mesmo que pode superar seus bloqueios emocionais e ter um relacionamento saudável no futuro, particularmente com Alice.

Apesar de sua admiração por Fay e da satisfação temporária que ela proporciona, Charlie não confia nela o suficiente para revelar seu passado. Keyes opta por manter esse segredo entre Alice e Charlie, fortalecendo a relação amorosa deles com confiança, honestidade e vulnerabilidade. A relação com Fay é retratada como mais superficial e carente, preenchendo temporariamente um vazio que Alice não pode preencher.

À medida que Charlie redireciona seus objetivos acadêmicos, ele se afasta de Fay, que também se distancia dele. Essa dinâmica reflete a transição de Charlie para uma fase mais centrada em seus estudos, afastando-se das necessidades emocionais.

A visita de Charlie à Residência Pública Warren, no dia 14 de julho, é um episódio significativo que revela não apenas a carência emocional do protagonista, mas também destaca aspectos importantes no contexto social. Essa cena, situada em um ambiente dedicado ao cuidado de pessoas com deficiência intelectual, serve como uma reflexão sobre a compaixão, a dedicação dos cuidadores e a estigmatização enfrentada por esse grupo social.

A carência emocional de Charlie é evidente ao decidir visitar a residência, temendo a possibilidade de uma regressão cognitiva. Sua solidão e a busca por aceitação e compreensão o levam a explorar esse lugar, mesmo sem comunicar Alice ou Fay sobre sua decisão. A descrição do ambiente destaca a importância do cuidado e carinho oferecidos às pessoas com deficiência intelectual. Os cuidadores são apresentados como indivíduos dedicados que se esforçam para proporcionar uma qualidade de vida adequada a seus residentes. A cena destaca a necessidade contínua desse tipo de cuidado ao longo da vida dessas pessoas.

Ao ser confrontado pelo diretor sobre as dificuldades e estigmas associados ao cuidado de adultos com deficiência, Charlie se vê refletido nas palavras do diretor. Sua experiência única de exclusão e busca por aceitação se alinha, de certa forma, com a realidade enfrentada por aqueles na Residência Pública Warren. A ironia dessa situação não passa despercebida por Charlie.

A resignação de Charlie ao imaginar um possível futuro na residência reflete não apenas sua carência emocional, mas também a falta de esperança percebida naquele ambiente. A cena apresenta uma visão sombria de vidas que parecem estar em suspenso, sem perspectivas de reabilitação ou reintegração na sociedade.

Keyes, por meio dessa cena, não apenas mergulha na psicologia complexa de Charlie, mas também tece uma crítica social, valorizando aqueles que dedicam suas vidas ao cuidado dessas pessoas. A inclusão desse episódio acrescenta profundidade e relevância à obra, destacando a empatia e compaixão necessárias para enfrentar os desafios enfrentados por aqueles com deficiência intelectual.

1.3. Ressentido

O ressentimento que permeia a fase Outono da vida de Charlie Gordon é uma característica proeminente de sua personalidade, especialmente em relação aos doutores e à forma como foi tratado antes da cirurgia que ampliou sua inteligência. Este sentimento é alimentado por lembranças vívidas dos maus-tratos que sofreu e pelas atitudes condescendentes dos médicos, que constantemente o referiam como um “espécime de laboratório”⁵⁸. Essa expressão desumanizadora contribui para o profundo ressentimento de Charlie, fazendo com que ele se sinta como se, antes do experimento, não fosse considerado genuinamente um ser humano. A desumanização retratada pelos médicos destaca a frieza com que Charlie é tratado, como se sua humanidade fosse relegada a um objeto de estudo.

No dia 5 de junho, uma lembrança dolorosa assombra Charlie em relação à sua irmã. Ele recorda o momento em que ela não ganha um cachorro, pois não desejava dividir o animal com Charlie, a quem via como um grande estorvo. Norma, incapaz de compreender, ofende o irmão, marcando-o profundamente. Essa memória revela suas feridas emocionais, ilustrando sua profunda mágoa por não ser compreendido e aceito por sua família.

No dia 10 de junho, Charlie reflete sobre o Dr. Guarino, um médico que sua mãe o levou para tratá-lo na esperança de torná-lo mais inteligente. Com ternura, Charlie percebe que o doutor o tratou com dignidade, mesmo muito antes da cirurgia, em contraste com a visão que tem dos doutores, acreditando que sempre o consideraram como uma cobaia.

Charlie não é ingrato, mas ele não quer atribuir sua dignidade e existência apenas aos doutores, e essa perspectiva também funciona como uma crítica, ressaltando que os deficientes intelectuais têm sentimentos e são vítimas de preconceito. Essa camada de profundidade enriquece a narrativa.

No dia 11 de junho, durante uma festa no hotel, Charlie fica surpreso ao descobrir que seus doutores, antes vistos com grande prestígio, não possuem conhecimento em idiomas como russo, chinês, hindu e português. Em nenhum momento, os doutores se

⁵⁸ *Idem*, p. 109.

autoproclamaram gênios, mas a ilusão de Charlie sobre a perfeição deles surgiu porque, anteriormente, eles ocupavam um pedestal em sua mente. Agora, ao elevar a si mesmo a um nível intelectual mais alto, percebe que seus doutores não são infalíveis. Nesta fase do Outono, podemos observar mais folhas de perspectiva e crenças na vida de Charlie caindo, intensificando seu ressentimento com os doutores e sua soberba.

No dia 11 de agosto, ao comparecer ao coquetel da esposa de Nemur, Charlie busca socializar, mas enfrenta dificuldades. Durante a conversa entre a esposa de Nemur e o senhor Hiram Harvey, Charlie se sente atacado quando é mencionado que Nemur merece mérito na pesquisa, apesar de sua contribuição. Ele retruca afirmando que na ciência não se constrói nada novo, todos começam pelas falhas dos antecessores. A senhora Nemur contra-ataca, fazendo uma alusão ao período em que Charlie não estava em condições de realizar experimentações psicológicas.

Charlie se irrita e discute com todos, questionando por que deveria sentir-se endividado, argumentando que serviu aos propósitos dos doutores e agora está tentando corrigir seus erros. Sua explosão revela a profunda frustração e o sentimento de ser tratado como um rato de laboratório. Nemur, surpreso com a intensidade da reação de Charlie, confronta-o, e fica chocado quando Charlie diz que estava melhor em alguns pontos antes da Cirurgia, dizendo que ninguém se importava com ele antes e nem agora, então Nemur ofende Charlie, que desabafa dizendo que nunca foi tratado como humano:

Tudo, exceto me tratar como um ser humano. Você se gabou várias e várias vezes de que eu não era nada antes do experimento, e eu sei por quê. Porque, se eu não era nada, então você foi responsável por me criar, e isso transforma você em meu senhor e mestre. Você se ressentiu por eu não mostrar minha gratidão a cada hora do dia. Ora, acredite se quiser, eu sou grato. Mas o que você fez por mim, incrível como pode ser, não lhe dá o direito de me tratar como um animal de laboratório. Sou um indivíduo agora, e Charlie também era antes de sequer entrar naquele laboratório. Você parece chocado! Sim, subitamente, nós descobrimos que eu sempre fui uma pessoa, inclusive antes, e isso desafia sua crença de que alguém com um Q.I. menor que 100 não merece sua consideração. Prof. Nemur, acho que, quando olha para sua consciência, isso incomoda você⁵⁹.

⁵⁹ *Idem*, p. 228.

Eles discutem sobre o ACDC, e Nemur lhe diz que o Antigo Charlie quer tomar o controle de seu corpo, mas Charlie nega, e então Nemur diz que Charlie perdeu a “a fê que tinha no mundo e nos outros homens”⁶⁰, o que Charlie nega:

[...]

– Não me entendam mal – eu disse. – Inteligência é um dos maiores presentes humanos. Mas muito frequentemente a busca por conhecimento exclui a busca por amor. Isso é outra coisa que eu mesmo descobri recentemente. Apresento a vocês como uma hipótese: inteligência sem a habilidade de dar ou receber afeto leva a um colapso mental e moral, para neurose, e possivelmente até para psicose. E digo que a mente absorvida e envolvida em si mesma como um fim autocentrado, a ponto de excluir relações humanas, só pode levar à violência e à dor. Quando eu era retardado, tinha muitos amigos. Agora não tenho ninguém. Oh, conheço várias pessoas. Várias e várias pessoas. Mas não tenho nenhum amigo de verdade. Não como costumava ter na padaria. Nenhum único amigo que signifique algo para mim, e ninguém para quem eu signifique algo.

Depois disso, Charlie vai ao banheiro, tentar se reestabelecer depois de tanto beber, e assim enxerga o Antigo Charlie no espelho, discute com ele, dizendo que não iria desistir de se manter inteligente. Indo embora para casa, Charlie concorda com Nemur:

Eu estava me vendo como o que eu realmente me tornara, Nemur dissera. Eu era um filho da mãe arrogante e autocentrado. Ao contrário de Charlie, eu era incapaz de fazer amigos ou de pensar sobre as outras pessoas e seus problemas. Eu estava interessado em mim e em mim apenas. Por um longo momento no espelho, eu tinha me visto pelos olhos de Charlie; olhei para baixo, para mim mesmo, e vi o que eu realmente me tornara. E me envergonhei⁶¹.

No retorno para casa, Charlie cogita a ideia de encontrar Fay, mas ao descobrir que ela está acompanhada, sua sensação de preenchimento se dissipa. Ele se questiona sobre a solidão, indagando: “O que aconteceu comigo? Por que estou tão sozinho no mundo?”⁶²

Nesse dia, o ressentimento toma conta de Charlie, influenciando suas ações, levando-o a confrontar seus doutores e questionar a relação entre inteligência e amizade. É um dos dias mais tristes de sua vida até o momento, pois ele experimenta uma profunda solidão. Charlie

⁶⁰ *Idem, ibidem.*

⁶¹ *Idem, p. 232.*

⁶² *Idem, p. 233.*

anseia por ser inteligente e teme a possibilidade de regredir, ao mesmo tempo em que enfrenta o desafio de lidar com sua solidão.

Ele tentou estabelecer conexões com Fay, seu pai e Alice, mas em todas as tentativas, falhou em construir relacionamentos saudáveis. Foi afastado do ambiente acolhedor da padaria e lutou para se conectar com os outros. Sua carência o impelia a buscar essas conexões, mas o ressentimento o afastava. Charlie não era apenas vítima de traumas passados, mas também refém de seus ressentimentos no presente.

1.4. Focado

Por fim, durante o Outono, outra característica fortemente presente em Charlie Gordon é o seu foco. Ele é completamente focado em evitar sua regressão e também poder ajudar pessoas como ele. No entanto, no dia 10 de junho, Charlie lembra de quando sua mãe o levava a doutores e fazia tratamentos diversos a fim de deixá-lo “normal”. Tendo uma lembrança assim nesse dia, Charlie conclui a origem de sua motivação: “Mas acho que nunca parei de querer ser o garotinho inteligente que ela queria que eu fosse, para que me amasse”⁶³.

Como já dito no capítulo Verão, a motivação de Charlie era agradar sua mãe, seu pai, ser respeitado e digno. Charlie via na inteligência a possibilidade de ter amigos. Mas esse foco mudará no dia 24 de junho.

Enquanto vagava pela cidade, Charlie decide ir a um restaurante e lá vê um jovem de 16 anos que acaba derrubando pratos enquanto lavava louça. Os clientes então zombaram do jovem, enquanto ele varria. Isso desperta compaixão em Charlie, que se sente culpado, pois ele também havia achado graça na zombaria. Assim, ele se sente furioso consigo mesmo e com todos ali, gritando e ordenando para pararem. Mas ele fica constrangido e envergonhado, e sai do restaurante. Ele acha estranho pessoas que não zombariam e tirariam vantagem de deficientes físicos, mas que achavam normal e divertido zombar de um deficiente intelectual. Gordon se sente enfurecido e hipócrita, porque lembra que era a vítima antes, o que o faz refletir sobre si em seus primeiros relatórios, na fase da Primavera percebendo a sua ingenuidade infantil e sua própria visão inferiorizada em comparação aos outros, constatando que saber ler e escrever lhe colocaria no mesmo patamar dos outros, constatando que:

Até um homem de mente fraca quer ser como os outros homens.

⁶³ *Idem*, pp. 136-137.

Uma criança pode não saber como se alimentar, ou o que comer, mas ela conhece a fome⁶⁴.

Aqui a folha da perspectiva e da esperança em relação a ser inteligente cai. Mas um efeito do outono da realidade do protagonista. E assim ele muda seu foco. Não era mais ser amado, mas agora era fazer a diferença: “[...] Há tanto que pode ser feito com essa técnica caso seja aperfeiçoada. Se pude ser transformado em gênio, o que se dirá das mais de 5 milhões de pessoas mentalmente retardadas nos Estados Unidos? Que níveis fantásticos podem ser atingidos por meio dessa técnica em pessoas normais? E em gênios?”⁶⁵.

E assim Charlie Gordon encontra um propósito para a sua vida. Podemos dizer que esse foi um ponto de virada em que Charlie tem um vislumbre de como deve viver. Antes seu foco era baseado no prazer momentâneo de aprender, nutrido pela esperança de ter amigos. Mas essa cena no restaurante lhe mostra que ele não era o único, mas que havia pessoas por todo o país e por todo o mundo que necessitavam de uma escapatória pela ciência.

Diante disso, ele abandona seus prazeres efêmeros com Fay e suas preocupações românticas com Alice Kinnian e foca em estudar e observar Algernon. Observar o rato é importante pois Algernon é aquele que irá demonstrar a sua possibilidade de permanência intelectual. Se Algernon regride, Charlie regredirá.

Charlie percebe que Algernon tem um comportamento errático, até mordendo Fay, o que o assusta e o faz levar aos doutores no laboratório. Ao conversar com Burt sobre Algernon, Charlie descobre que o rato está regredindo, esquecendo dos procedimentos para solucionar seus problemas no labirinto. Ele descobre sobre a existência do incinerador, onde eram colocados os animais que faleciam. Charlie pede que Algernon lhe seja dado, ao invés de ser colocado no incinerador, numa atitude de compaixão com o ratinho. Charlie novamente reforça sua necessidade e a responsabilidade de cumprir seu objetivo diante do tempo, e questiona se ele também seria jogado no incinerador.

É aqui que Charlie descobre a Residência Pública Warren, que dias depois resolve visitar, como já mencionado neste capítulo. No dia 15 de julho, Charlie coloca o andamento do trabalho como uma condição para visitar sua mãe, algo que maximiza seu foco. Algernon também está sem motivação alguma e precisa ser alimentado à força. Charlie se sente mal e percebe que deve parar de se ver em Algernon, interrompendo o elo e conexão simbiótica que

⁶⁴ *Idem*, pp. 185-186.

⁶⁵ *Idem*, p. 186.

estabeleceu com o rato. Sabendo da regressão de Algernon, Alice o visita, preocupada com Charlie, pois ela está ciente de que, se Algernon regride, Charlie também regredirá.

Em 27 de julho, como mencionado, Charlie se afasta de Fay para poder estudar, o que fará com que ela se afaste dele também. Ele relata sobre seu foco: “Fico enciumado de cada momento fora do trabalho, impaciente com qualquer um que tente roubar meu tempo”⁶⁶. Além de também demonstrar a sua relação com o tempo diante de seus estudos: “Não há noite ou dia. Tenho de amontoar uma vida inteira de pesquisa em apenas algumas semanas. Sei que deveria descansar, mas não consigo até saber a verdade sobre o que está acontecendo”⁶⁷. Sua motivação nunca fora tão grande.

Ele observa as pessoas pela janela e isso desperta o medo nele, pois ele entende que pode nunca viver isso, por isso ele se sente motivado a estudar. Tudo é uma metáfora em relação a si mesmo. O mundo está vivendo normalmente “lá fora”, mas ele vê que o que sobra para ele é está “deitado em sua própria sujeira, imóvel”⁶⁸, como se não enxergasse escapatória. Ele gostaria de ser livre, mas tem medo de estar de fato fadado à regressão. Ele foca no trabalho, pois sabe que tem uma responsabilidade e capacidade de ajudar, por meio de seus estudos, milhões de pessoas.

Ele está completamente cego em enxergar soluções, em trazer luz para a escuridão de pessoas como ele era. E como ele pode voltar a ser. No dia 31 de julho, Charlie se diz alegre pela capacidade de estudar, se declara apaixonado pelo que faz e se mostra muito esperançoso em alcançar a resposta e, curiosamente, volta a demonstrar a fé em Deus. E o que ele quer é descobrir que não sofrerá a regressão, mas está disposto a aceitá-la, caso ela vier. E, por fim, na madrugada do dia 11 de agosto, ele relata encontrar a solução.

E assim, no dia 26 de agosto, ele envia uma carta com seus relatórios da pesquisa, ao qual ele chama de “O efeito Algernon-Gordon”, para os doutores. Na carta, Charlie diz que a cirurgia não pode ser replicada ainda, menciona que Algernon regrediu mentalmente e resume sua conclusão na sentença: “INTELIGÊNCIA ARTIFICIALMENTE INDUZIDA DETERIORA EM UMA RAZÃO DE TEMPO DIRETAMENTE PROPORCIONAL À QUANTIDADE DO AUMENTO”⁶⁹.

Ele se compromete a continuar a escrever e lamenta ter uma resposta negativa, mas entende que pelo menos pôde concluir o estudo. O foco de Charlie tem seu resultado. E o resultado é o pior que poderia ocorrer. É a última folha de suas crenças e perspectivas que cai.

⁶⁶ *Idem*, p. 218.

⁶⁷ *Idem*, p. 219.

⁶⁸ *Idem, ibidem*.

⁶⁹ *Idem*, p. 234.

A esperança de ser inteligente para o restante de sua vida, se esvai. Charlie está se preparando para a última estação de sua vida: o Inverno.

1.5. Síntese do Outono

O Outono é uma estação que marca a transição entre o florescimento do Verão e o recolhimento do Inverno. Da mesma forma, o Outono na história de Charlie é um momento de transição e reflexão. Uma grande característica do Outono é a queda das folhas. Como dito na Introdução, ela acontece como uma estratégia das plantas para se protegerem do frio, de forma que diminua o seu gasto de energia e assim consiga enfrentar o Inverno⁷⁰. De forma análoga aos acontecimentos, podemos argumentar que cada situação triste e impactante na vida do protagonista foi como a queda de uma folha.

Após ser demitido, Charlie enfrenta uma grande frustração. Ele percebe que muitas das coisas nas quais acreditava eram falsas e ilusórias, frustrando-se também com sua relação com Alice, a qual nunca se desenvolveu de fato, sempre bloqueada por seus traumas personificados no Antigo Charlie, além das inseguranças dela de assumir um relacionamento com ele, evitando-o, embora ao mesmo tempo alimentando suas ilusões.

Seus problemas de ressentimento com os doutores também revelam ser impactantes para sua trajetória, outrora esperançosa e cheia de admiração por eles, acabam o levando para um confronto com eles. A carência de Charlie também é algo que o machuca, pois ele busca se envolver com as pessoas, em especial Fay, mas não consegue desenvolver uma conexão e confiança real com ela, sentindo-se muito solitário.

Solidão que somente é sanada diante dos estudos, diante de seu foco em buscar uma solução para seu regresso iminente. No entanto, a solução é triste e seu destino cruel está fadado. E a esperança da permanência também cai. Todas as esperanças, perspectivas e crenças caem uma após a outra no duro solo da realidade de Charlie.

Conforme Charlie se confronta com essas revelações, sua perspectiva de vida muda. Ele começa a questionar o propósito de sua inteligência e a refletir sobre as complexidades da existência humana. O outono na história de Charlie abrange um período de questionamentos, frustrações e perdas. Ele enfrenta a perspectiva de perder seus conhecimentos e voltar a sua condição anterior. As frustrações e as folhas que caem representam a fase de recolhimento, reflexão e preparação para os eventos finais do livro. Essa perda iminente é como o outono chegando ao fim, preparando o terreno para o inverno que virá.

⁷⁰ Jardim Gulbenkian, *Porque há árvores com folhas no outono e inverno?*, Disponível online.

6. INVERNO:

A FRIEZA E A TRISTEZA DE CHARLIE GORDON

Entre os dias 1 de setembro ao dia 21 de novembro, das páginas 235 a 284, Charlie Gordon relata, de forma crua e objetiva, as suas regressões motoras, intelectuais e, consequentemente, emocionais. Nessa última fase, o protagonista pode ser observado como um personagem medroso, irritadiço, introspectivo, triste, pessimista, mas apresentando, por fim, traços de ingenuidade e esperança no fim do livro. Essa parte também compreende o último ato da obra, em que há o desfecho da história. O seu final triste é marcante e, para muitos, emocionante, valorizando a temática e as lições que conta.

6.1. Medroso

Ao perceber que está regredindo, uma das primeiras características notáveis em seu comportamento é o medo, algo totalmente compreensível, haja vista que ele não quer o pior para si no futuro. Tudo que ele aprendeu e conquistou, todas as suas lembranças e evoluções em autoconhecimento estavam em risco de serem perdidas. E é esse medo que irá conduzir outros sentimentos e atitudes de Charlie no fim do livro, deixando-o irritadiço, de maneira que irá se isolar de todos para se proteger, concedendo-lhe essa frieza invernal que acompanhará toda essa fase. Como consequência, o protagonista fica pessimista. Se a ciência e os fatos que ele mesmo descobriu provaram que ele não resistiria à regressão, por que acreditar o contrário? Desta forma, ele é frio e sem esperança. Sua esperança não existe, até que ela dá pequenos sinais de presença quando Charlie resolve levar livros para a residência Warren, pois acredita que pode se manter capaz de ler ainda. Portanto, o fato de ele ser medroso é bem presente nessa parte e estimula suas ações e seu comportamento.

Sua primeira frase no Inverno é: “Não devo entrar em pânico”⁷¹, no dia 01 de setembro. Charlie demonstra já um certo medo do que estava por vir, mas reforçando seu compromisso de relatar tudo para a posteridade. Ao contar para Alice e vê-la chorando, sentindo-se culpada pelo o que ocorreria com Charlie, ele tem um grande elemento para sentir mais medo. Sua relação com ela iria de fato se dissolver. E saber disso o amedrontava muito, mas ele não queria demonstrar fraqueza em momento algum.

No dia seguinte, em 2 de setembro, ele se imagina sozinho numa grande montanha, e termina o seu relato com a frase: “A única pergunta é: a quanto posso me agarrar?”⁷². Seu sentimento é palpável aqui, pois, ao saber que regredirá, ele quer fugir e evitar tudo isso, mas

⁷¹ Daniel Keyes, *Flores para Algernon*, p. 235.

⁷² *Idem*, p. 236.

sabe que é impossível. Com medo de perder tudo que aprendeu, ele faz esse questionamento, num breve lapso de esperança de que ainda pode conseguir salvar algo para o seu futuro.

No dia 17 de setembro, Charlie relata que Algernon morreu há dois dias, após regredir muito, e isso o assusta. Ele enterra o corpo do ratinho e chora. Talvez o choro não fosse apenas pela tristeza de ter perdido alguém que ele tinha grande afeição, mas também por saber que o seu caminho poderia ser a morte também: “[...] É tolo e sentimental, mas ontem à noite, bem tarde, eu o enterrei no quintal. Chorei enquanto colocava um monte de flores selvagens sobre o túmulo”⁷³.

A morte do ratinho é inesperada, embora previsível. É narrada de forma crua, sem um grande texto. Keyes poderia ter dado mais ênfase para isso, mas ele preferiu optar pela objetividade de um Charlie enlutado. O livro não é sobre Algernon. E o leitor não sente falta de uma cena elaborada, pois o foco é Charlie, embora Algernon seja um personagem importante. Algernon é o personagem-espelho que tinha uma subtrama própria, a qual se assemelha à trama principal do protagonista. Charlie sempre se compara ao ratinho e essa foi a última vez que isso ocorre. Assim como Algernon morreu, ele pode morrer, e essa comparação de destino final o assusta.

O título do livro, como já foi explicado na Introdução, é apresentado aqui. Apesar de Algernon não ser o protagonista, essa função de ser metaforicamente parecido com Charlie é executada, e seu final é o que nomeia a história. “Flores para Algernon” pois Algernon morre e é necessário depositar flores em seu túmulo no quintal, e, no fim da história, é como se o leitor tivesse que depositar flores para Charlie. Todo o Inverno vemos a morte do Desenvolvido Charlie acontecer, de forma gradual, em 50 páginas.

O dia 27 de setembro é um dos dias mais marcantes do livro. É o encontro de Charlie com sua mãe. Ele resolve vê-la não coincidentemente doze dias depois da morte de Algernon, pois se sente pressionado a parar de procrastinar mediante a regressão que inevitavelmente irá enfrentar.

O medo aqui pode ser visto em vários momentos, a começar pela sua procrastinação. Charlie temia a falha, a rejeição e o retorno de traumas que ele apenas enfrentava em seu inconsciente. Mas ele sabia que deveria confrontar seu passado e se autoconhecer, apresentando coragem, enfrentando esse obstáculo.

Charlie encontra sua mãe, que foge dele. Com medo de perder a oportunidade de se reaproximar dela, ele a persegue. E ao perceber o estado mental de senilidade da sua mãe,

⁷³ *Idem, ibidem.*

podemos ver novamente essa característica, pois ele queria se fazer entendido, mas temia que sua mãe não pudesse entender o que ocorreu com ele. Quando ela finalmente demonstra perceber a evolução intelectual de seu filho, Charlie relaxa. Para conseguir isso, ele despeja informações em sua mãe, se chama de “normal”, sendo controverso com tudo que falava antes, como se antes da cirurgia ele acreditasse que de fato não fosse normal e digno de ser respeitado, pois isso foi sua mãe que lhe fez acreditar. E assim ele reflete, satisfeito: “[...] Eu queria vê-la sorrindo e saber que fora eu quem a deixara feliz. Pela primeira vez em minha vida, eu havia colocado um sorriso em seus lábios”⁷⁴.

Quando Norma Gordon chega, Charlie é novamente submetido pelo medo. Ele quer fugir, pois ela é a materialização de traumas que ele sofreu também. Mas quando ela o vê, sua recepção calorosa o conforta de frente ao seu medo. Ele percebe que não precisa temer, pois sua irmã sentia saudade dele e o queria ver bem. O Reconhecimento se fez presente, trazendo uma surpresa com novos fatos para os personagens da trama. Norma o reconhece após muitos anos, ficando surpresa e feliz em revê-lo, e assim ambos se reconciliam. Mas aqui há um novo medo, pois Norma deseja que essa proximidade seja constante agora, mas Charlie sabe que isso é impossível. Ele evita dizer a verdade e desconstruir a imagem que acabara de criar, de um irmão inteligente e bem-sucedido. Por isso ele mente, movido pela reação negativa e da rejeição e até mesmo de um possível sentimento de dó que teria de Norma.

Por fim, Rose, ao ver seus filhos bem próximos conversando, interpreta erradamente que Charlie está assediando Norma, então pega uma faca e o ameaça, amedrontando tanto Norma quanto Charlie. Ele sente um breve pânico, mas ambos conseguem evitar que sua mãe cause algum acidente ali. O medo que lhe apavorou por meses se torna real e literal, fazendo-lhe lembrar do dia que foi expulso de casa: “[...] Ela tinha uma faca, Alice tinha uma faca, meu pai tinha uma faca, o dr. Strauss tinha uma faca...”⁷⁵

Novamente ele vai citar o poema “Três ratos cegos”:

Três ratos cegos... três ratos cegos.
Como correm! Como correm!
Atrás da mulher do agricultor,
que lhes cortou as caudas, que dor!
Alguma vez se viu algo assim,
como três... ratos... cegos?⁷⁶

⁷⁴ *Idem*, p. 245.

⁷⁵ *Idem*, p. 252.

⁷⁶ *Idem*, p. 254.

No poema em inglês,

Three blind mice...three blind mice,
See how they run! See how they run!
They all run after the farmer's wife,
She cut off their tails with a carving knife,
Did you ever see such a sight in your life,
As three... blind .. mice?⁷⁷

A palavra “knife” em inglês significa “faca”, rimando com “farmer's wife”, “mulher do agricultor”. Portanto, a tradução aqui perde um pouco da estética original e, principalmente, da riqueza literária original, pois a faca mencionada no poema faz alusão a faca que sua mãe tinha na mão na memória de Charlie em sua expulsão de casa e também na cena de agora de sua visita a casa dela.

O poema diz que a mulher do agricultor cortou a cauda dos três ratos cegos que correm. A interpretação que podemos fazer aqui é que a mãe de Charlie é essa “mulher do agricultor” e os três ratos cegos são Charlie Gordon. A sua mãe cortou com a faca a sua infância, a sua autoestima, a possibilidade de crescer com amor. Charlie então corre, foge dela e dos traumas que ela lhe deixou. Mas não apenas dela, Charlie corre também para o conhecimento, para a inteligência e em tudo que ele acredita que a inteligência pode lhe entregar. Porém, novamente ele corre em direção a ela, a fim de restaurar a relação com Rose. A cegueira pode ser associada aqui com a ignorância que Charlie tinha do mundo antes da cirurgia. Mas é possível dizer que tanta luz em seus olhos vindo de seu conhecimento acadêmico, seu aumento de cognição e seu autoconhecimento, o cegou novamente, cegou a sua personalidade amorosa e carismática que tinha outrora. O que deixa mais rico ainda é que Algernon é um rato e é um personagem-espelho de Charlie Gordon.

A faca metafórica que cortaria fora “seus amendoins” estava ali. A faca do poema dos três ratos cegos. A faca que arrancou sua infância saudável psicológica e emocionalmente. A faca que rompeu os laços de uma paternidade segura e uma maternidade acolhedora. A faca que separou os laços de sua família, o deixando sozinho. E ali seu medo apareceu.

Charlie reflete sobre seu medo e percebe que cabe a ele perdoar a sua mãe: “A não ser que eu lhe perdoe, não terei nada”⁷⁸. E assim, Charlie vai embora, aos prantos. O resultado

⁷⁷ Daniel Keyes, *Flowers for Algernon*. Disponível online.

⁷⁸ Daniel Keyes, *Flores para Algernon*, p. 253.

pode ser colocado como positivo, ele enfrenta seus medos, perdoa a sua mãe que, por um momento, fica feliz por seu filho e, por fim, se reconcilia com sua irmã. Mas ainda assim, é duro, pois ele não pode ajudá-las, a não ser transferir seu dinheiro para elas por um tempo. Charlie gostaria de viver em família, de assumir o papel de filho e irmão mais velho. Mas não pode. E saber disso lhe dói muito, por isso ele sai de lá o mais rápido possível, chorando.

No dia 3 de outubro, seu medo também é aparente quando chega a cogitar o suicídio, mas percebe que isso não seria justo com o Antigo Charlie. Charlie também possuía medo de perder Alice e isso fica evidente no fim do livro. Charlie se sente resignado com Alice ali, pois ela aceita as suas condições. O medo que Charlie sente agora em perdê-la complementa o medo de regredir. Ele gostaria de ter esperanças, mas sabe que não pode. E esse desejo impotente de lutar é alimentado pela presença dela ali.

Ele discute com ela no dia 18 de outubro, pois ela arruma as coisas que ele queria deixar bagunçadas. Ele a faz chorar e então se sente mal por isso e diz: “[...] Por que não consigo me controlar só o suficiente pra seguir amando Alice? Só o suficiente”⁷⁹. É o medo que ele tinha em não apenas perder sua inteligência, mas também de perder Alice. E esse medo o abraça no dia 21 de outubro, quando Alice vai embora.

Keyes tinha que juntar o par romântico e escolhe o momento mais complicado da trama. Tendo um romance na história, o autor acaba que assinando um termo de convenção com o leitor, assumindo que o casal ficará junto no final, como dirá Robert Mckee: “Convenções de Gênero são ambientes, papéis, eventos e valores específicos que definem gêneros individuais e seus subgêneros”⁸⁰.

Mas o final é o momento adequado, pois Charlie tinha que perdoar sua mãe e se reconciliar com sua irmã para quebrar seus bloqueios afetivos com mulheres, e isso só ocorre no dia 27 de setembro. Charlie supera seus traumas e materializa isso na sua relação com Alice. O conflito se encerra. E assim ambos podem ficar juntos. Mesmo que por pouquíssimo tempo. Não é à toa que, quando ele percebe que vai para a sua antiga escola e faz Alice chorar, está na hora de ir para a Residência Warren. Seu medo se concretizou. Não adiantou se irritar, se isolar, pois o motivo de seu pessimismo e tristeza venceram. Resignado, ele vai para Warren. E só percebe isso quando, novamente, vê Alice chorando.

⁷⁹ *Idem*, pp. 271-272.

⁸⁰ Robert Mckee, *Story: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro*, p. 93.

6.2. Irritadiço

O medo do declínio cognitivo e da regressão intelectual construiu uma cadeira com quatro pés. Irritadiço, Introspectivo, Triste e Pessimista são as características que ele desenvolve, são os pés dessa cadeira que Charlie sentou e se entregou, esperando o seu fim.

E essa suscetibilidade à ira começa a ser percebida no dia 17 de setembro, quando Charlie menciona que fica furioso quando perde as coisas e não as encontra, descontando nas pessoas. No dia 03 de outubro, Charlie relata uma discussão por causa do som alto, com seu vizinho, o Sr. Vernon, o qual chama um policial. Com raiva, Charlie quebra os seus discos.

Charlie também demonstra irritabilidade com Strauss e Burt, após a terapia e o Teste de Rorschach não serem satisfatórios e confortáveis para ele, desistindo totalmente de ir ao laboratório. Sua frustração ao ler um livro e não entender também o faz agir de forma irritadiça, rasgando o objeto.

Charlie reage da mesma forma que no Verão, utilizando da raiva como mecanismo de autodefesa; por exemplo, agindo de forma hostil com Alice, que lhe dá suporte. Essa atitude pode ser vista como defesa, pois ele não quer “dar o braço a torcer” e perceber que está regredindo, ao mesmo tempo que ele não quer ter esperanças fúteis de que pode se recuperar. Assim, dia 18 de outubro, Charlie briga com Alice várias vezes, até expulsá-la de casa por achar que ela está lhe dando esperança: “Só me deixe em paz. Não sou eu mesmo. Estou me despedaçando e não quero você aqui”⁸¹. A frase “Não sou eu mesmo”⁸², é que ele sabe que agora é o Antigo Charlie, ou pelo menos está fortemente se tornando-o novamente. E nada pode fazer para evitar isso. Alice chora, entregue a derrota. E assim ela vai embora.

6.3. Introspectivo

Logo após compreender o seu destino, no dia 2 de setembro, diante do medo que lhe sucumbe, ele sonha e deseja estar sozinho, para fugir do sofrimento que viria. No dia 05 e no dia 07 de outubro, Charlie reitera esse desejo ao decidir não ir mais ao laboratório, dizendo ao doutor que quer ficar sozinho. Outra demonstração dessa introspecção ocorre no dia em que ele expulsa Alice de sua casa, em 21 de outubro, quando diz que o apartamento está silencioso e vazio.

⁸¹ Daniel Keyes, *Flores para Algernon*, p. 275.

⁸² *Idem, ibidem.*

No dia 11 de novembro, ele não deixa Strauss e Alice entrarem. Recusa ajuda e resolve trabalhar, pois: “[...] E eu quero pagar por tudo sozinho. Sou forte e consigo trabalhar. Se eu não conseguir me cuidar, vou pra Warren. Não quero caridadi de ninguém”⁸³.

Toda essa atitude de querer ficar sozinho, principalmente após se distanciar de Alice em meados de outubro, é uma forma de se proteger de sentimentos de dó e piedade que viria daqueles que o viram como Desenvolvido Charlie, além também do medo de ser zombado como era antes. Sob o aspecto epistemológico, Charlie depositou muitas esperanças na inteligência. Ele de fato conquista muita coisa e o seu mundo se abre por isso, mas sua expectativa principal não é correspondida, a de ter amigos e não se sentir solitário.

Mas agora mais do que nunca, ele se sente assim. Antes ele acreditava que a inteligência lhe daria esses “poderes sociais”, mas isso não ocorre. E agora que está em declínio, não há mais onde depositar a sua esperança, pois por meio da própria inteligência ele obtém a dolorosa resposta de sua regressão. E para enfrentá-la, ele escolhe viver só, pois não quer ter esperança em algo que cientificamente estava findado.

6.4. Triste

A fase do Inverno é a parte mais triste do livro por se tratar do final, no qual ele perde os seus conhecimentos e se isola, ficando triste e pessimista. Essa tristeza aparece em momentos chaves da história. A começar quando ele encontra a sua mãe. No dia 27 de setembro Charlie Gordon visita sua mãe, Rose, e lá, Charlie percebe que não pode conviver com ela, pois ele sabe que seus dias estão contados. Sua regressão irá acontecer rapidamente, então ele não pode estar presente com a sua família.

Sua irmã até o recebe bem, demonstra carinho e alívio por sua presença, no entanto, Charlie se sente mal, se sente triste, pois não pode ser o apoio e exercer a função de irmão mais velho que ele sempre quis. Entristecido com esse fato, Charlie chora ao ir embora, por perder a oportunidade novamente de estar junto de sua família.

No entanto, no fim do livro, no dia 21 de novembro, Charlie menciona que está feliz com a sua trajetória, muito por ter se reencontrado com sua mãe, ter se reconciliado com sua irmã e por ter vivenciado a experiência de ser altamente capaz de reter conhecimento:

[...] Estou feliz que tive uma segunda chance na vida como você disse pra ser inteligente por que aprendi muitas coisas que nunca nem sabia que existiam nesse mundo e me sinto grato de ter visto tudo nem que seja um poquinho. E estou

⁸³ *Idem*, p. 280.

felis que descubri tudo sobre minha família e eu. Era como se eu nem tivesse uma família até eu me lembrar deles e ver eles e agora eu sei que tinha uma família e era uma peça que ninguém viu no mundo⁸⁴.

No entanto, antes de isso acontecer, Charlie, no dia 03 de outubro, chega a mencionar o suicídio como uma forma de escapar de suas aflições. Mas ele logo descarta esta triste atitude. No aspecto social, podemos colocar como exemplo a infeliz taxa de suicídio que ocorre, muitas vezes motivada pela falta de esperança e o sentimento de solidão que a pessoa sente, ocasionados por diversos fatores e circunstâncias. Charlie estava se sentindo profundamente triste, sem esperança com um futuro melhor, sentindo-se sozinho e amedrontado, pessimista. Diante disso, era compreensível o desejo de suicídio. No entanto, Charlie coloca o Antigo Charlie como base para evitar tal atitude, afirmando que ele apenas pegou a vida dele emprestado e que agora estava devolvendo a ele.

Outro dois grandes momentos de tristeza ao protagonista nesta fase final são relacionados a Alice. Quando ela vai embora obedecendo às ordens de Charlie e quando ele novamente a proíbe de vê-lo e entrar em sua casa, fazendo-a chorar, dizendo que não gosta mais dela apenas para evitar que ela permaneça próxima dele, Charlie se entristece profundamente. Ele deseja estar próximo dela e viver com ela, mas ele sabe que isso é impossível. Então opta pela distância, pela solidão e, conseqüentemente, pela tristeza.

6.5. Pessimista

No dia 27 de setembro, o dia mais importante da história, Charlie também demonstra pessimismo. Esse sentimento vem do seu conhecimento sobre seu futuro. Ele é pessimista ao perceber que não irá poder viver com Rose e Norma, preferindo mentir a elas do que contar a verdade sobre seu estado de saúde.

Em relação a Alice, Charlie também demonstra muito pessimismo, sendo este o maior fator para expulsá-la de casa. Alice despertava em Charlie uma grande vontade de lutar contra a regressão que ele enfrentava, mas não havia nada que ele poderia fazer. No dia 11 de outubro ele a rejeita e tenta convencer Alice de que seria tolice ambos estarem juntos quando sabiam que não haveria nada a longo prazo, mas por insistência de Alice, eles ficam se relacionando por 10 dias.

No dia 21 de outubro, ele a dispensa, após algumas discussões e brigas. Alice, com suas atitudes, fazia com que Charlie pensasse sobre seu passado, sobre sua vida e sobre um

⁸⁴ Daniel Keyes, *Flores para Algernon*, p. 283.

futuro em que ele pudesse ser inteligente. Ele chega a clamar em 18 de outubro: “[...] Por que não consigo me controlar só o suficiente pra seguir amando Alice? Só o suficiente”. Mas não havia nada que pudesse fazer.

No dia em que a expulsa de casa, ele confessa como que ela, desejando o bem dele, acaba o machucando. De fato, era incontestável e irreversível a regressão intelectual de Charlie. Não havia motivos para ter esperança de que a sua situação seria contornada cientificamente. Essa era a visão realista. Mas não se pode dizer que Charlie era realista, pois a forma como ele vê esse cenário era de tristeza e angústia. Ele nunca de fato aceitou com resignação essa circunstância. Ele poderia viver com Alice e com o suporte do laboratório e aceitar o seu declínio rápido e intenso. Mas seria muito difícil. Seria um término gradual e sem grandes emoções para a história, algo que Keyes optou por não fazer.

Ao construir cenas dramáticas, o autor deu uma carga emocional maior para sua trama. Charlie precisava sofrer para criar empatia e compaixão no leitor, novamente os conceitos de Terror e Piedade se fazem muito presente aqui. Desta forma, o final torna-se ainda mais impactante e dramático, ao invés de ser triste e monótono por um personagem que de fato aceita seu fim. Charlie diz aceitar, mas com suas palavras de reclamação e suas atitudes de isolamento, demonstram uma reação. A reação da fútil fuga diante do caos que lhe cercava. Mas ainda assim uma reação. Até que vem o fim mais pacífico. A sua ida a Warren, onde o protagonista de fato sucumbe à sua grande batalha final, mas saindo de lá resoluto de que está completo, que encerrou o ciclo de sua vida.

6.6. Ingênuo e Esperançoso

Nos últimos dias, uma característica totalmente diferente das mencionadas anteriormente está presente em Charlie. É o fim do inverno. Assim como a primavera vem depois do inverno, Charlie começa a despertar a ingenuidade e esperança que se faziam presente no início da trama.

No dia 10 de novembro, ele demonstra acreditar novamente em superstição, algo que ele não acreditava após a cirurgia: No dia 15 de novembro ele cogita comprar pó mágico para ficar inteligente, sendo mais um exemplo de ingenuidade e inocência. Sua linguagem torna-se novamente errônea, de forma espontânea, pueril e crua, o que reforça essa característica.

Por fim, no último relato da história, ele demonstra muita esperança e ingenuidade, ao decidir levar livros para continuar lendo. Sua ingenuidade também é aparente quando ele reflete sobre sua regressão, agora sem saber exatamente o motivo para isso ter acontecido.

Agora Charlie é novamente o Antigo Charlie, o Charlie pré-cirurgia. E o Desenvolvido Charlie é aquele que ele vê, que o observa:

Não sei por que sou burro denovo ou o que que fiz erado. Tal vez seja por que não tentei com vontade suficiente ou porque alguém botou mau oliado em mim. Mas si eu tenta e pratica muito mesmo tal vez eu fique um poco mais in telijente e vo saber o que são todas as palavras. Eu me lembro um poco de como me sentia bem com o livro azul que eu li com a capa rasgada. E quando fexo os olhos penso no homem que rasgo o livro e eli paresse comigo só que ele paresse diferenti e ele fala diferenti mas eu não axo que sou eu porque é como ver ele da janela⁸⁵.

Sua esperança e positividade é visto quando ele expressa seu desejo: “[...] Eu quiria pode ser intelijenti de novo agora mês mo. Se eu pudesse eu ia missentar e le o tempo inteiro”⁸⁶.

Sua esperança também é vista no final, quando ele diz que fará amigos, demonstrando ingenuidade ao dizer que se você deixar as pessoas rirem de você, terá amigos:

P.S. porfavor digam pro professor Nemur não ser tão mau umorado quando as peçoas riem dele e ele vai ter mais amigos. É fásil ter amigos si você dexa as peçoas rirem de você. Vo faze muitos amigos onde vou.

P.S. porfavor si você tive uma opoturnidadi colo qui umas flores no tumulto du Algernon nu quintau⁸⁷.

6.7. Síntese do Inverno

A fase do Inverno começa na página 235 e vai até o fim do livro, a página 284, com os acontecimentos finais de *Flores para Algernon*. Nessa parte da história, Charlie enfrenta a regressão de sua inteligência e a perda gradual de seus conhecimentos adquiridos. O Inverno é uma estação que simboliza frieza, quietude e recolhimento. Podemos associar esse período ao momento em que Charlie começa a perceber que está perdendo sua inteligência aumentada e retornando ao seu estado anterior.

À medida que o Inverno se estabelece, Charlie experimenta uma sensação de frieza emocional e uma crescente frustração. Ele percebe que está regredindo e perdendo todo o conhecimento e entendimento que havia adquirido. Essa regressão é como a paisagem fria e silenciosa do Inverno, onde a natureza se recolhe e parece estar em um estado de dormência.

⁸⁵ Daniel Keyes, *Flores para Algernon*, p. 284.

⁸⁶ *Idem, ibidem.*

⁸⁷ *Idem, ibidem.*

E isso se dá devido ao medo que ele tem diante do futuro. Charlie não quer passar por isso, por isso torna-se irritadiço devido a essa circunstância. Para fugir de todos, torna-se introspectivo, isolando-se daqueles que poderiam lhe dar suporte. Gordon também demonstra tristeza que é alimentada pelo seu pessimismo diante de seu inevitável fim.

Ao longo dessa parte do livro, testemunhamos a luta de Charlie para manter sua identidade e se agarrar aos fragmentos de sabedoria que ainda lhe restam. Ele enfrenta desafios emocionais e uma profunda sensação de perda, assim como os elementos desafiadores do Inverno.

À medida que o livro se aproxima do seu final, acompanhamos a conclusão da jornada de Charlie, onde ele reflete sobre sua existência e sobre o que realmente importa, como sua reflexão de estar feliz por ter reencontrado sua família. É aqui também que características como a ingenuidade e esperança tornam-se palpáveis, como uma flor a brotar após três meses intensos de clima frio. Essa fase final do livro pode ser comparada ao fim do Inverno, onde os dias começam a se tornar mais longos e a promessa de renovação começa a surgir.

Explorar a relação entre o Inverno e os eventos finais do livro permite destacar a melancolia, a perda e a reflexão que acompanham a regressão de Charlie. Ao mesmo tempo, podemos abordar a busca por significado e a compreensão de que a verdadeira essência da pessoa não está apenas na inteligência, mas também na bondade, na compaixão e nas conexões humanas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como o ciclo das estações, Charlie Gordon tem uma transformação cíclica.

Na Primavera, Charlie é afetuoso e caloroso, muito esperançoso que a inteligência lhe dará amigos, reconhecimento e admiração, algo que é alimentado por sua carência. Ele planta essas expectativas no solo fértil e rega com todo amor que tem para dar. No entanto, apesar de ser amoroso nessa fase, ele também é impaciente e ansioso, pois ele quer o quanto antes viver às suas expectativas de ser amado. É esse desejo que lhe move, algo que foi criado pela forma fria que sua mãe o tratou, fazendo-lhe acreditar que ele não era digno de ser amado se ele não fosse inteligente. Assim Charlie vê na inteligência a porta e a chave para ser considerado digno.

E tudo isso começa a florescer após a cirurgia, quando sua escrita e sua forma de se expressar deixam de ser crua e infantil e torna-se mais profunda, dando camadas, aprofundando o personagem, seus desejos e conflitos. Essa é a fase do Verão, onde Charlie demonstra sede pelo conhecimento movido por essa vontade de ser amado. No entanto, seus olhos se abrem para a sociedade maldosa e preconceituosa que lhe cerca. Com seus sonhos-lembranças, ele lembra de quando foi maltratado quando era criança e sente-se isolado e constrangido pelo seus “amigos” da padaria, de maneira que fica envergonhado e constrangido. Sentindo-se mal, usa a raiva como mecanismo de defesa, para evitar novos constrangimentos e humilhações.

No Verão, sua relação com Alice começa a se tornar mais do que professora-aluno. Ele passa a chamá-la pelo primeiro nome, e ela supre sua carência. Charlie está sedento por calor humano e encontra Alice para aquecê-lo. Essa relação torna-se amorosa, o que lhe deixa confuso sobre como agir com ela. Além de confuso, Charlie torna-se inconformado quando descobre o crime que Gimpy cometia. Esse é um ponto de virada, onde a bondade, inocência e ingenuidade de Charlie é confrontado com a dura realidade que é a sociedade. As fortes e inesperadas tempestades do Verão atingem o caloroso protagonista, e assim ele se dirige para o Outono.

No Outono, Charlie colhe decepções, suas expectativas e perspectivas caem uma após a outra, suas relações são superficiais e conturbadas. A começar pela sua paixão pela Alice, a qual nunca é plenamente correspondida e recíproca, principalmente diante de seus traumas e bloqueio em se relacionar com ela. Essa indecisão dela em assumir algo faz com que ele tenha muitas dúvidas e fique ansioso. Até o momento que eles se separam e ele percebe que não havia futuro para eles. Ele percebe que não importa mais ser inteligente, porque mesmo

inteligente, é demitido da padaria, local que ele considerava a sua casa e seu abrigo onde acreditava ter amigos.

Sentindo-se só, sua carência está no ápice, e assim ele vaga pelas ruas de Nova York, relacionando-se puramente de forma física com Fay, sua vizinha. Sua expectativa de ser aceito e reconhecido por seu pai também cai, se esvai. Seu relacionamento com os doutores também cai, após se sentir desprezado por eles, isso lhe faz ser ressentido, ter mágoas do seu passado, de si e dos doutores.

Charlie, assim como uma árvore no Outono, torna-se seco, preparando-se para a última fase de sua trama. Antes, porém, ele encontra um novo objetivo. O que antes era ser amado mediante sua inteligência e estudo, agora torna-se ser responsável por descobertas científicas que possam ajudar outras pessoas como ele. Nesse momento, ele encontra um propósito para sua curta vida como Desenvolvido Charlie, encontra prazer nos estudos e esquece seus problemas pessoais. Ele sabe que deve correr contra o tempo para achar uma solução para uma possível regressão, no entanto, a resposta que obtém, enfim, é negativa. Ele perderia todos seus conhecimentos. É a última folha que cairia. Charlie se dirigia ao Inverno.

No Inverno, Charlie torna-se medroso diante do seu inevitável fim. Compreensivelmente ele não quer enfrentar perder tudo que conseguiu, seu status, sua vida, sua liberdade. Mas ele não tem escapatória. Diante disso ele fica irritadiço, introspectivo, triste e pessimista. O leitor tem então a fase mais triste da obra, onde o protagonista é frio e melancólico, reclamão, mas não plenamente entregue ao seu fim. Ele se envolve com Alice, finalmente, logo após ter visitado sua mãe e se reconciliado com sua irmã. Assim, Charlie vence seu trauma e abre o caminho para Alice, que o deseja, afinal. Mas o amor por ela o faz ter esperanças, algo que ele não consegue nutrir por saber o seu final. Mesmo assim, nas últimas páginas da obra, ele ainda encontra relapsos de um ser esperançoso e ingênuo que fora na Primavera. Sua escrita, errônea, crua e pueril, demonstram novamente o Antigo Charlie, ingênuo, carente e amoroso. No entanto, Charlie não é mais o mesmo.

No ciclo natural das estações, após a quarta estação, o clima volta para a primeira e assim a natureza se regula e se repete. E assim acontece na história, uma sensação de que tudo se completou, ao mesmo tempo que voltamos ao começo. Há a impressão de que o personagem não sofreu alterações no fim da obra, embora tenha sofrido muito, mesmo terminando de forma semelhante ao seu estado inicial.

A riqueza de *Flores para Algernon* está na sua estrutura cíclica, no arco do personagem que difere de muitas obras. Geralmente o personagem sofre o Incidente

Incitante, passa por conflitos, se supera e assim vai para o desfecho, de uma maneira diferente do que começara. Mas não com Charlie Gordon.

A regressão de Charlie Gordon é como areia que escorre na mão do leitor e esse nada pode fazer para segurar. De forma gradual e cruel, vemos o personagem deixar de ser o que era. Como um falecimento, a que nos resta apenas depositar nossas flores em seu túmulo. O personagem volta ao seu estado intelectual inicial, apenas com algumas lembranças do que viveu antes. E o leitor realmente passa por mudanças.

Diante das reflexões sobre ser inteligente, sobre discriminação, sobre deficiência intelectual, sobre saúde emocional e autoconhecimento, Charlie transmite por sua história lições impactantes diante de seu sofrimento. E isso impacta o leitor, após sentir empatia e terror. Charlie perder sua inteligência não é um clímax. O livro não tem um grande ponto de virada mas, como mencionado anteriormente, é uma “linha de virada”. Uma construção gradual de grande mudança no protagonista. E vivemos isso com ele dia após dia, relato após relato, a cada regressão compartilhada. Assim como é palpável o seu progresso na escrita na Primavera, a sua regressão também é notável, onde ele relata que esquece como escrever palavras difíceis, o tamanho dos relatos diminui, ele escreve pela mão, usa palavras mais simples e erra na ortografia e gramática.

Todos esses elementos impactam a leitura, tornando-a mais rica. E sua evolução na trajetória, como mostrado nesta monografia, assemelha-se ao ciclo das estações, dando margem para o leitor imaginar que Charlie, na República Residencial de Warren, é amoroso e carente, ingênuo e amoroso como a Primavera, que está prestes a reiniciar em sua vida ali. E é possível ter esperança, logo após a cena em que ele visita Warren, que lá ele será muito bem cuidado e terá boa companhia. O leitor pode ter medo de que Charlie pode regredir mais ainda, mas não há indícios concretos para isso. O livro pode terminar esperançoso ou pessimista, dependendo do leitor.

A obra é intensa, metalinguística e emocionante. Tem uma premissa de ficção científica, mas torna-se um romance de formação contando a história de seu protagonista. Um drama triste de grandes lições que desde 2018 marca seus leitores no Brasil, mas desde seu conto em 1959 ou seu romance em 1966, tornou-se um clássico por sua riqueza literária.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

8.1. Livros

- ARISTÓTELES. **A Poética**. Trad. Eudoro de Souza. Globo, Porto Alegre-RS, 1966. Disponível em: https://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2021/04/Poetica_-_Aristoteles-compactado.pdf.
- GAZZANIGA, Michael S. & HEATHERTON, Todd F. **Ciência Psicológica: Mente, cérebro e comportamento**. Porto Alegre, Artmed, 2007.
- KEYES, Daniel. **Flores para Algernon**. São Paulo, Aleph, 2018.
- MCKEE, Robert. **Story: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro**. Curitiba, Arte & Letra, 2006.
- ROSENFELD, Anatol. “Literatura e Personagem”, **A Personagem de Ficção**. São Paulo, Perspectiva, 2014.
- TCHÉKHOV, Anton. **Cartas a Suvórin: 1886-1891**. São Paulo, Edusp, 2002.
- VÁRIOS Autores. **O Livro da Psicologia**. Porto Alegre, Globo, 2016.
- ZUCKERMAN, Albert. **Como Escrever um Romance de Sucesso**. São Paulo, Mandarim, 1996.

8.2. Sites

- Editora Aleph, **Descrição de Flores para Algernon**. 2018. Disponível em: <https://editoraaleph.com.br/produto/flores-para-algernon/>. Acesso em 18 de março de 2023.
- GOODREADS. **Daniel Keyes**. Disponível em: https://www.goodreads.com/author/show/11072.Daniel_Keyes. Acesso em 18 de mar. 2023.
- JARDIM Gulbenkian. **Porque há árvores com folhas no outono e inverno?** Disponível em: <https://gulbenkian.pt/jardim/visitar/um-naturalista-no-jardim-gulbenkian-como-gulbenkian-como-e-porque-porque-ha-arvores-com-folhas-no-outono-e-inverno/#:~:text=%E2%80%9CA%20queda%20das%20folhas%20no,%C3%A9%20parar%20de%20produzir%20clorofila>. Acesso em 25 de set. 2023.
- KEYES, Daniel. **Flowers for Algernon**. Disponível em: https://www.kkoworld.com/kitablar/daniel_kiz_elcarnon_ucun_guller_eng.pdf. Acesso em 08 out. 2023.
- REDE D’or. **Despersonalização**. Disponível em: <https://www.rededorsaoluz.com.br/doencas/despersonalizacao>. Acesso em 16 out. de 2023.
- UOL. **Morre Daniel Keyes. Autor do Livro que Inspirou os Dois Mundos de Charly**. 18 jun. 2014. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/18/morre-daniel-keyes-autor-do-livro-que-inspirou-os-dois-mundos-de-charly.htm> Acesso em 18 de mar. 2023.